N.º 20 ★ 17-5-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

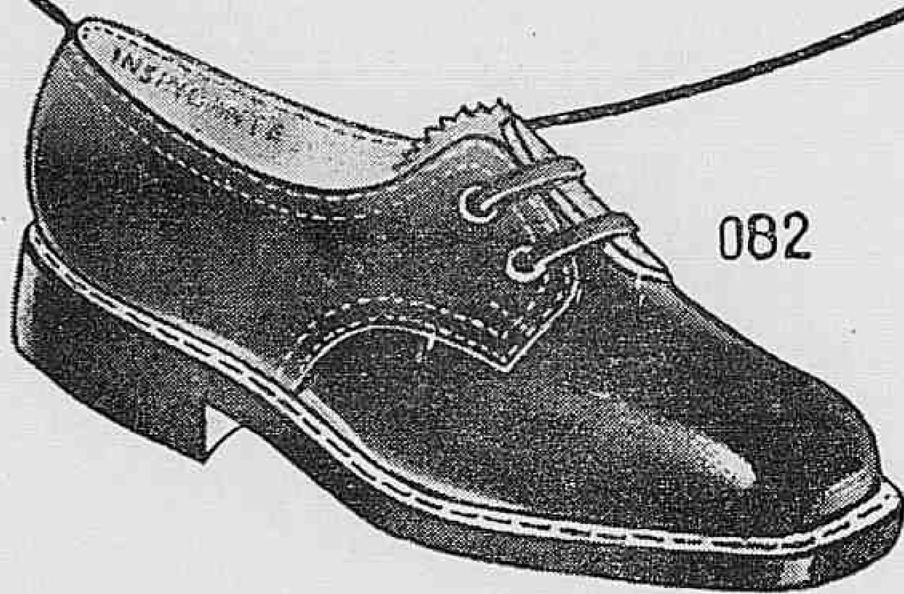
A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES

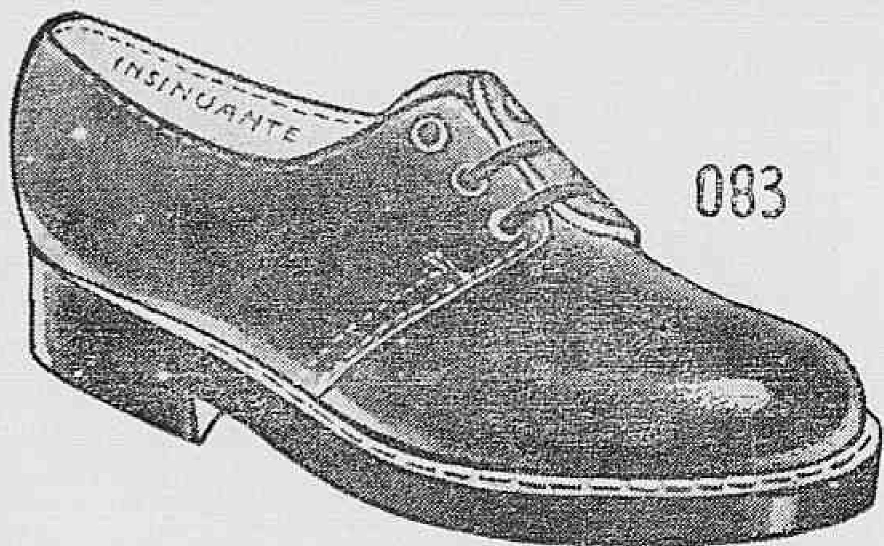


Mande os seus filhos á ESCOLA!

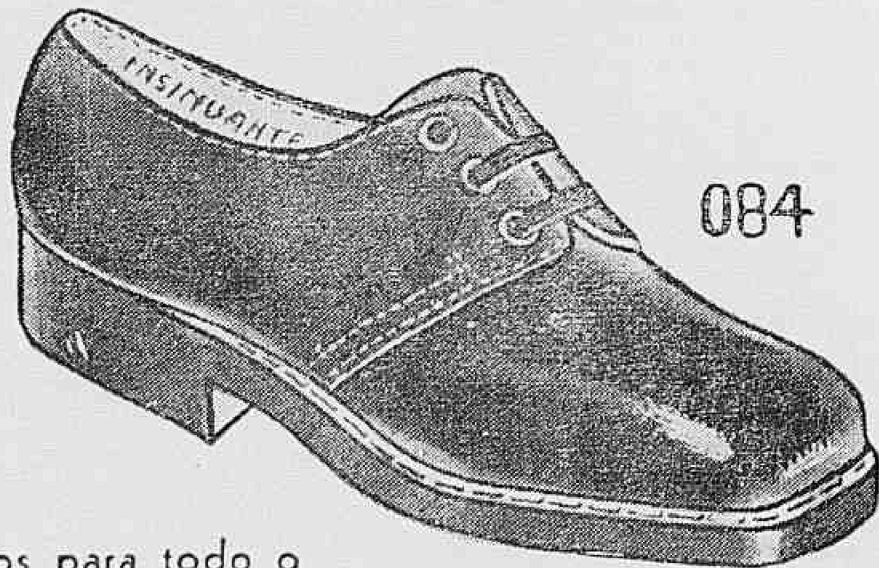




082



083



084

082 — Cr$ 145,00. Ótimo sapato tipo normalista com saltos de borracha e cordonetes de couro. Numeração de 31 a 40.

083 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 135,00, respectivamente de 28 a 32 — 32 a 36 — 37 a 41. Resistente sapato para meninos, rapazes e homens em ótima vaqueta com chapas na biqueira.

084 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 120,00, respectivamente de 28 a 32 — 33 a 36 — 37 a 40. Um sapato 100 % escolar com chapas na biqueira. Forte e resistente.

Cada par de sapatos tem uma surpreza para os seus filhos.

Remetemos para todo o Brasil. Porte Cr$ 5,00 (cinco cruzeiros) Não fazemos reembolso

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

À MARGEM DO ESPETÁCULO

ESTRELISMO

FOI na América do Norte, se não me engano, onde foi criado o estrelismo. Uma fonte garantida de renda, sem dúvida. Moldar um ator, criá-lo, dar-lhe um sôpro de vida fictícia e lançá-lo aos olhos das multidões, com uma nova personalidade, forjada hàbilmente por trás das câmaras, através das personagens por êle interpretadas. Engendrar lendas, imaginar histórias, contar fatos, verdadeiros ou falsos, comentar, discutir. Tudo isso ficará intrigando a imaginação do ouvinte de rádio, do leitor de revista, do folheador de jornais. Tôdas as notícias, tôdas as fotografias, gravadas consciente ou inconscientemente na retina do espectador, êsse desconhecido, se concentrarão fàcilmente no letreiro luminoso da Broadway, no cartaz frontispício de um cinema de Xangai, do Rio ou do Cairo: o nome do "astro". E a condição de "astro", embora não pareça, é a mais segura para atrair essas partitulas humanas que fazem as grandes multidões se aglomerararem diante das portas de um cinema, para assistirem a um filme de seu favorito. Porque aquela fôrça gigantesca de propaganda, criada pela sugestão vertiginosa da publicidade, aliada à imagem viva do movimento, convidam o fã, o simples espectador, a um encontro com aquela personalidade aparentemente abstrata da ficção, a uma realidade sólida e concreta, criada, interiormente, pela sua imaginação. E' ainda onde nasce o estrelismo. Os produtores criam, dão forma; mas é o público quem lhes dá vida, a verdadeira vida. E' o público, impulsionado pela fôrça sobrenatural da publicidade bem coordenada, quem dá o último toque, quem consagra definitivamente, tornando-se, paradoxalmente, o próprio criador.

Existem, sem dúvida alguma, muitos heróis na vida real. Muitos homens, cuja vida aventuresca daria para escrever-se belíssimos e movimentados romances, magníficos filmes de ação. Mulheres, cuja abnegação e sacrifício, dariam para a projeção de verdadeiras obras-primas na arte de sofrer e de amar. E, no entanto, mesmo entre os amigos e conhecidos, passam despercebidos, como sêres comuns, iguais a todos nós. Porque ainda é a ficção que consagra, ainda é a ficção que, imitando a realidade, se torna mais real, mais viva, mais concreta. Especialmente no cinema, onde a imagem nos entra pelos olhos e se fixa em nosso íntimo. E quando vemos, fora da tela, um "astro" do écran, não acreditamos que êle seja um ser comum, com uma vida normal como a de qualquer outro. Fazemos questão de encará-lo como a personagem que nos habituamos a ver na tela, aquela figura, simpática ou antipática, que foi criada por nós mesmos, imposta pela fôrça de uma auto-sugestão poderosa. E' aí onde reside a importância do estrelismo. A simplicidade de um "astro", na vida real, pouco nos convence, quando, dentro de nós, burilam as imagens que se fixaram em nossa mente — e que dificilmente nos abandonam. E' a "nova personalidade" que criaram para o artista, é a "verdadeira personalidade" — que para nós é a única. Porque a personalidade criada adquire vulto, toma formas que jamais conseguiremos apagar.

Mas, verdade se diga, o artista tem também a sua personalidade. Os escritores criam tipos; os diretores lhes dão vida — e o artista os vive, sob a sua personalidade cinematográfica. Assim, não é raro ouvirmos dizer que fulano se repete, invariàvelmente, de filme para filme. Embora interpretem tipos diversos (poetas, gangsters, compositores, detectives), seu modo de falar e de agir é sempre o mesmo. Suas expressões fisionômicas não variam, seus gestos e atitudes são imutáveis — porque é justamente nisso que reside a personalidade do artista na tela. E é justamente essa personalidade cinematográfica que não nos abandona e que nos faz detestar ou aplaudir determinado "astro". E mais uma vez a ficção supera a realidade. Porque, admitimos, interiormente, que a ficção, embora árdua muitas vêzes, é sempre mais doce que a realidade. E está sèmpre sob o nosso contrôle, porque é uma "realidade dirigida", que começa e termina onde bem entendemos.

leon eliachar



«O Brasil é o celeiro de cultura das Américas» — Pedro Armendariz. Um ín dio de casaca e gravata. A sta. Anchorena, da sociedade uruguaia, e o fotógrafo do Life Mac Combe interrogam a Pedro.

PEDRO ARMENDARIZ UM "ÍNDIO" CIVILIZADO

BREVE PALESTRA COM O FAMOSO ATOR MEXICANO ★ ARTISTA POR UM IDIOMA ★ COMEÇOU PELO TEATRO E DEPOIS PASSOU PARA O CINEMA★ "POR QUE ARMENDARIZ FOI EMBORA ANTE DE ACABAR O FESTIVAL?" — PERGUNTAMOS TODOS ★ NÓS SABEMOS A RAZÃO.

de ALBERTO CONRADO (Especial para "A CENA)

PUNTA DEL ESTE. — Se alguém pretendesse indicar um artista verdadeiramente representativo do cinema mexicano teria naturalmente que nomear a Pedro Armendariz. O México tem com êste grande ator, possuidor de uma máscara facial assombrosa e conjuntamente com Fernandez e Figueroa, o melhor de seu cinema. E filmes inesquecíveis como «La Perla», «Maria Candelária», «Enamorada», valorizados pelo famoso trio, tem imposto a sétima arte azteca no mundo. Armendariz declarou que transfere muito de si mesmo para a tela; que se criou no campo. E sua imponente figura e seus gestos nos dizem da vida intensa nas tarefas rurais durante seus anos de juventude.

«Adoro o campo, declara o prestigioso artista. Nele passo muito tempo e me sinto feliz quando um filme exige que eu demonstre conhecimentos dos trabalhos do campo».

ARTISTA POR UM IDIOMA

Armendariz foi para os Estados Unidos quando ainda era um adolescente. Lá passou alguns anos e um bom dia, durante seu regresso para o México, planejou com vários amigos seus criar uma companhia de teatro de fala inglêsa para não esquecer aquêle idioma que êle sabia um dia lhe seria útil.

«Dessa forma me iniciei no teatro. Assim comecei a familiarizar-me com a cena... e com a arte» — diz Armendariz. — «Mas com o nosso elenco teatral não progredimos muito quanto ao «cartaz». Sòmente quando o cinema se converteu numa bomba absorvente que requisitava a todos os que tivessem algum trabalho relacionado com a cena, foi que compreendi que minhas primeiras armas não seriam úteis. Fui apresentado modestamente para fazer um papelzinho apagado num filme. Pedi licença para abandonar meu emprêgo no teatro, seguro de que o cinema me atraia demasiado. Quando regressei para atuar no palco (três meses depois e minha licença era de 15 dias) soube que estava despedido e que agora, obrigatòriamente, sòmente poderia viver da arte à qual apenas tinha acabado de ingressar».

«A batalha foi dura, porém atrativa, e asseguro que o faria mil vêzes de novo. Minha pátria estava recém abrindo seu caminho no mundo maravilhoso do cinema e nós, que nos fizeramos profissionais do cinema como pioneiros, tivemos que fazer a colheita de êxitos e fracassos, para seguir adiante. Mas chegamos. E nosso orgulho é que a êsse grande país, celeiro de cultura nas Américas, que é o Brasil, de apaixonante beleza, vão hoje os filmes que enaltecem a cultura e a arte do México».

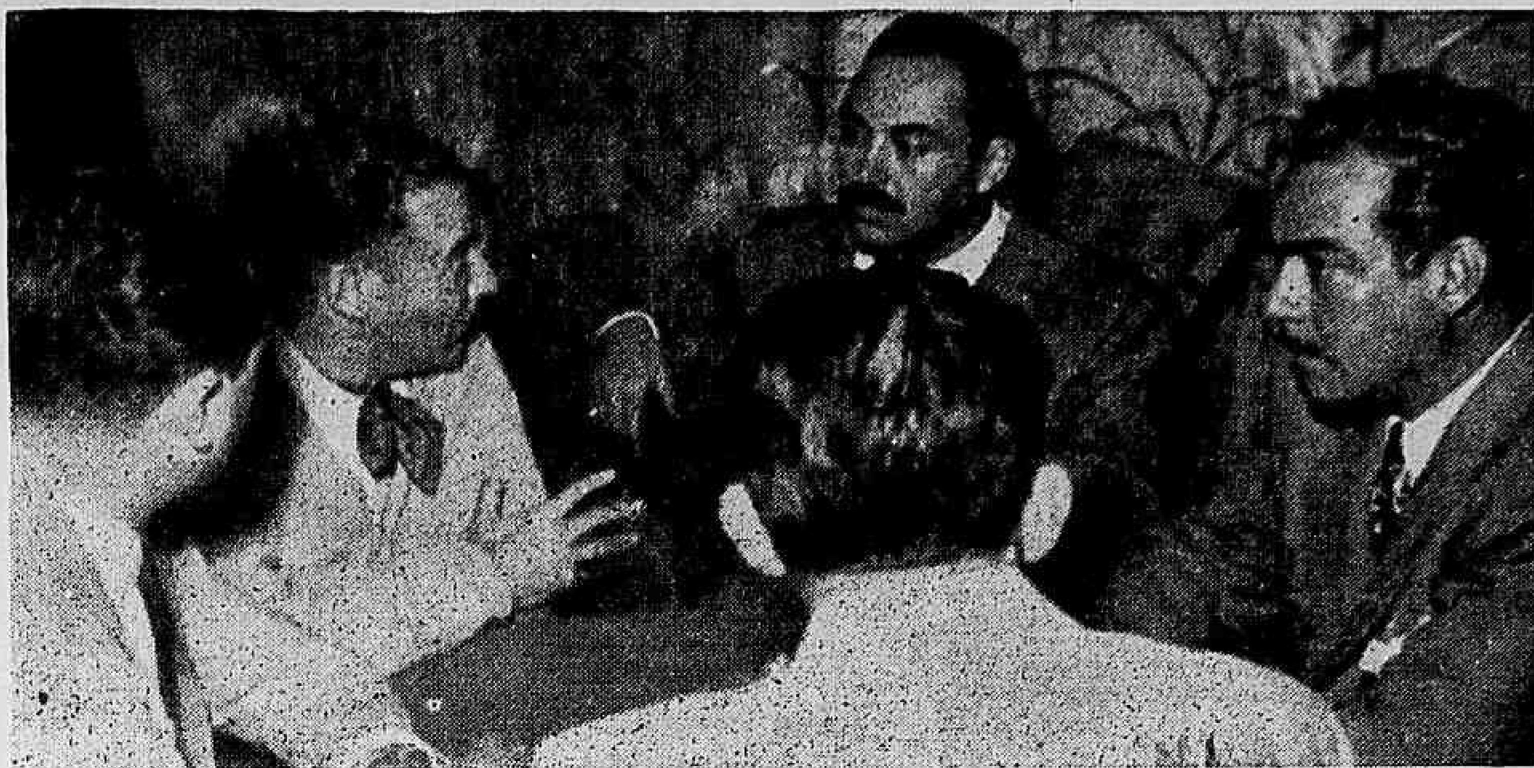
Armendariz fala com positivo entusiasmo do Brasil. E no que se refere às mulheres, nos disse textualmente:

— «Até agora, das brasileiras que tenho conhecido, nenhuma era bonitinha, mas sim belíssimas e com muita graça e picardia. Vocês no México, têm uma representante do outro mundo, a Leonora Amar, que filmou vários filmes sob a direção do chileno Tito Davinson».

PRÓXIMOS FILMES — OPINIÕES

«Reboso de Soledad», «Lanzas Caloradas» e «Viajera» são os títulos de meus próximos filmes que o Brasil oportunamente conhecerá. Os dois primeiros serão dirigidos por Roberto Gavaldon, o diretor de «Deusa Ajoelhada».

Uma pergunta de rigor para Armendariz foi a que se referia a beleza de Maria Felix. Uma dama jovem interpelou de repente a Armendariz:



A delegação mexicana discute as possibilidades de seus filmes no Festival de Punta del Este.

— «E' tão bonita como no cinema»?

Todos queriam sabê-lo e Armendariz respondeu:

— Pessoalmente é mais bonita, pois para o cinema não possui requisitos para fotogenia. E' muito elegante de vestido de baile mas em trajes de passeio se lhe notam o exagero da magresa de suas pernas».

Outra dama pediu a palavra:

— «Que opina de Maria Felix?»

— «Que está na Espanha» — respondeu inteligentemente o ator.

E uma terceira, mais audaciosa, quis saber:

— «Diga-me, sr. Armendariz, se todos os homens morrem por Maria Felix, por que o sr. que tem estado ao seu lado continua vivendo?

Armendariz, que em todo o momento tinha intentado evitar que lhe perguntassem sôbre a bela artista azteca, sorriu e disse:

— «Cada vez que tenho estado perto dela levava barras de gêlo. Por isso continuo vivo, senhora».

Armendariz aperta a mão do cronista e despede-se formulando mil desculpas por não poder-nos atender por mais tempo. Nós compreendemos a sua atitude (diante das tolas perguntas, porém fatais dos fãs) deplorando, entretanto, não podemos compartilhar durante mais tempo com a simpatia, o cavalheirismo e a inteligência de Pedro Armendariz, um índio civilizado.

PORQUE FOI EMBORA ARMENDARIZ?

Essa era a pergunta que todos faziam ante a inesperada notícia de que o astro de «A Perola» tinha ido embora para o México, justamente quando o Festival de Punta del Este atingia o seu auge. Seriam fatores de ordem profissional?

Aliás, essa foi a argumentação de Pedro à interpelação dos jornalistas em Montevidéu. Entretanto, ficamos com a impressão de que alguma coisa havia e, fazendo pressão junto á sua adida da Comissão Nacional de Turismo, conseguimos saber o motivo. Êste caso passará à história nos comentários de Punta del Este, como um dos mistérios básicos que Claudel adoraria. O fato é que Armendariz foi embora do Uruguai porque foi mal alojado num dos bungalows do Cantegril e onde passados dois dias puseram uma tabuleta na porta do mesmo com os dizeres: «VENDE-SE». Além, como agravante, o ator não foi convidado para diversos atos e ao cinema só conseguiu ir uma vez, mesmo assim, cavando muito sua entrada. Ante essa falta de consideração resolveu dar o fora desculpando-se que tinha de entrar em filmagem imediatamente. Para outra vez, Mr. Pedro, traga as pistolas e seu chapelão de Jalisco.



A adida de Armendariz confia ao cronista o segrêdo da inesperada volta de Armendariz ao México

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ N.ò 20 ★ 17-5-1951

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Estrelismo Leon Eliachar) ... 3
Pedro Armendariz um índio civilizado (A. Conrado) 4
Ida Lupino, diretora (Thomas Keene) 6
Destino às nuvens (cine-romance) 8
Procópio no cinema (Paulo Kalamar) 12
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 15
John Derek 15
Paixão de Toureiro 13
Coluna do fã 17
Kirk Douglas, um atleta perfeito 18
Flashes Mundiais 20
Candidate-se ao cinema brasileiro 22
Micheline Prelle (close-up) .. 23
Filme brasileiro colorido 24
Hermine Sinclair (close-up) .. 25
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 26
Telas da cidade 27
Rádio (Armando Migueis) 28
Discos (Frankie) 30
Melodias para você 31
Arquivo (Broklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha) .. 33
Pausa para meditação 34
A opinião alheia 34

CAPA:
CORINE CALVET
(Paramount)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3.00. Assinatura anual (52 números), Cr$ 150.00. Semestral (26 números), Cr$ 75.000. Registrada: Anual, Cr$ 180.00. Semestral, Cr$ 90.00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280.00; Semestral, Cr$ 140.00. Número atrasado, Cr$ 3.50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da America do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor.

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3.00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa



O cinema perde uma artista, mas ganha uma diretora.

IDA LUPINO DIRETORA

"QUEM AMA NÃO TEME," SEU SEGUNDO FILME NESSA CONDIÇÃO - TAMBÉM ESCRITORA E PRODUTORA - RESUMO DO FILME - OUTRAS NOTAS

De THOMAS KEENE
(Especial para "A CENA")

HOLLYWOOD (Por via-aérea) — O filme "Quem Ama Não Teme", de produção e direção de Ida Lupino, constitui êsse raro acontecimento em Hollywood — é uma obra muito melhor do que os elogios dos críticos possam fazer crer. Nesta sua segunda experiência como diretora, Miss Lupino nos dá um filme cheio de vibrantes passagens dramáticas e de grande integridade artística. Ela conseguiu, com gôsto e equilíbrio, urdir elementos psicológicos que, (como tem sucedido nas mãos de outros diretores), poderiam ter fàcilmente degenerado num pastiche vulgar. Os protagonistas do filme são Sally Forrest e Keefe Brasselle, que sob a batuta direcional de Miss Lupino, nos dão uma interpretação convincente e sobretudo sincera. Os outros artistas do elenco, cada qual mais cônscio de seus misteres, se desempenham muito bem, especialmente Larry Dobkin, na interpretação do Dr. Middleton, e Hugh O'Brien, personalizador de Len.

o

TRÊS ANGULOS

O argumento de "Quem Ama Não Teme", se trifurca em três diferentes direções, cada qual tratada com percuciência e inteligentes toques de direção. Temos, em primeiro plano, o aspecto de interêsse humano — a história: Carol Williams é uma jovem bailarina que, com o seu *partner* e namorado, Guy Richards, está no auge de uma brilhante carreira. Nessa altura, é ela atacada pelo vírus da poliomielite, ficando parcialmente paralítica; êsse trágico fato aniquila a sua profissão artística. Ela resolve então abandonar o seu pretendente, para não se lhe tornar uma carga inútil. Depois, graças ao auxílio de várias pessoas, consegue reabilitar-se física e emocionalmente, podendo ao cabo de tempos não só andar, como até retomar o fio fragmentado de sua vida e restabelecer sua antiga amizade com Guy.

Como logo se depreende, o argumento implica um aspecto médico, no tratamento de Carol, o qual é desenvolvido no filme com notável carinho.

OUTROS INGREDIENTES

Carol e Guy têm trabalhado muito trabalhado de mais — durante um período em que a póliomielite está grassando na cidade. Um dia, em meio a essa atividade artística, com ensaios e aplausos espetáculos, Carol toma um banho numa piscina bastante fria; e, algumas horas depois, começa a sentir dor de garganta, arrepios, com acessos de tonturas e dor-de-cabeça; sente quebrantamento dos músculos e certos entrevamentos do pescoço. Enfim, os principais sintomas de tôdas as vítimas de paralisia infantil.

O seu tratamento no hospital a que é recolhida é bastante superficial, como em geral pode suceder. Não lhe aplicam um específico para o vírus; ao contrário, tratam-na como um caso talvez corriqueiro de mera influenza. Quando Carol viu que estava com as pernas paralisadas, perdeu tôda a esperança. Mas o pai tratou logo de interná-la no Kabat-Kaiser Institute, em Santa Mônica, Califórnia.

Nessa clínica, usando-se os métodos desenvolvidos pelo Dr. Herman Kabat e seus assistentes, trataram de restabelecer a ação de seus músculos, ajudando-a a retomar o contrôle dos nervos afetados pela moléstia. O Dr. Kabat não aparece no filme (o médico-diretor do Instituto é interpretado por Larry Dobkin), mas é por certo autorizado pelas consultas com o Dr. Kabat, que o "Dr. Middleton", o especialista no caso, comunica a Carol: — "Estamos descobrindo meios de ajudá-la, Carol, e cada dia aprendemos mais; não obstante, eu seria realmente desonesto em a minha profissão, se não lhe dissesse que, embora estejamos fazendo todos os esforços para curá-la, nada poderemos conseguir, se você não se armar da vontade de ser curada."

Depois disso é ela entregue aos cuidados do seu psicoterapista, passando mais tarde a ser assistida pelos encarregados do "gymnasium" e ainda depois pelo departamento de terapia ocupacional.

Esta parte de "Quem Ama Não Teme" é tratada com penetração e delicado senso de arte. O filme nunca decai para um plano de cansativa monotonia. Segundo nêle se revela, o ponto-de-vista de Carol é o que sempre prevalece.

Há ainda um terceiro aspecto — o aspecto psicológico — que nos é revelado pela advertência que o Dr. Middleton faz a Carol. A princípio, Carol rejeita a possibilidade de uma nova forma de vida, desejando apenas que a deixem só. Emerge, porém, dêsse período de depressão mental para satisfazer as instâncias do pai e do noivo e por lhe mostrar o Dr. Middleton os progressos que ia fazendo na sua terapia. Extremamente zelosa, ela procura tornar-se um exemplo de perfeição aos olhos do noivo, tarefa que se lhe torna difícil.

As insistências da família fazem-na cair em novo período de depressão. E nesse estado, rejeita o noivo, por se sentir não merecedora de seu afeto, passando então a namorar um colega de enfermaria, por nome Len, porque se considera sua igual — ou mesmo superior — uma vez que a paralisia dêle é muito mais aguda. Len, entretanto, que é um rapaz de lúcida inteligência, percebe os motivos de Carol, e não aceita a preferência que ela lhe oferece.

Essa instabilidade mental concorre para que a reabilitação de seu físico seja mais demorada do que devia; entretanto, reavendo aos poucos sua confiança em si mesma, começa a fazer com êxito uso das pernas.

Pouco a pouco, Carol passa da sua cadeira de rodas a usar muletas e mais tarde consegue andar amparada numa simples bengala. Resolve por fim sair da clínica, não porque já nada possam fazer por ela, mas porque outros necessitados de tratamento aguardam os benefícios da instituição.

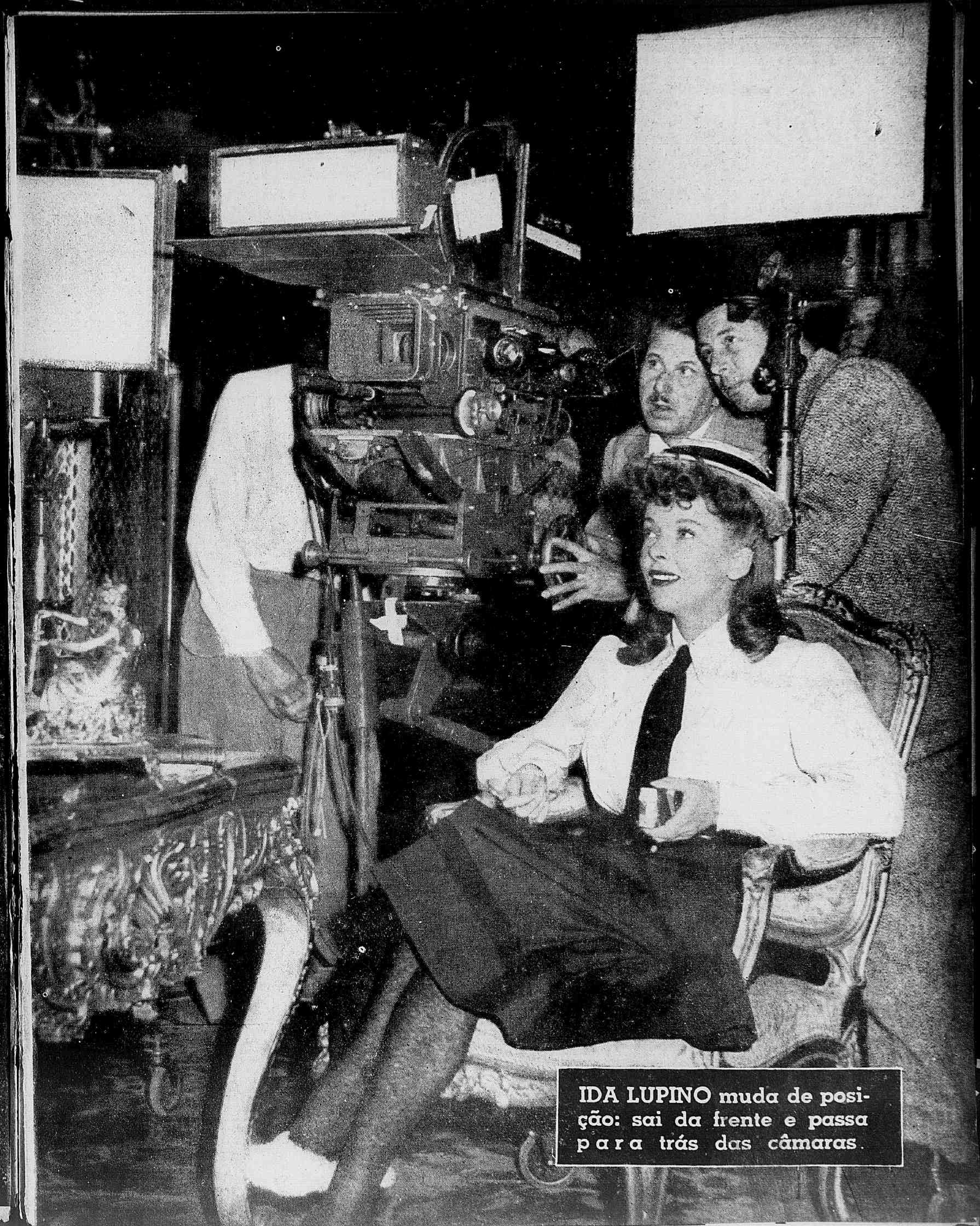
SUA VOLTA À VIDA

"Quem Ama Não Teme" é uma obra de amaríssima verdade, especialmente quando nos mostra a relutância de Carol em retornar à vida, e enfrentar novamente o mundo; revela-se também nessa parte o efeito psicoterapêutico daqueles que, recusando a sua timidez, animam-na a retomar os passos numa nova existência.

Ida Lupino não é só a diretora de um filme excelente; é também a sua co-produtora, em associação com seu marido, Collier Young. Merece frisar ainda que o *script*, ou argumento, é de autoria dela e do marido.

o

Se mais nos detivemos em apreciar êste lado do filme — o lado médico, e seus efeitos psicológicos — é porque "Quem Ama Não Teme" se nos afigura de especial interêsse humano. Sim, porque esta produção da Eagle Lion enfeixa um drama verdadeiramente tocante. Geralmente dizemos, ao ler nos jornais algum caso como êste, "por trás dessa história deve haver um motivo..."



IDA LUPINO muda de posição: sai da frente e passa para trás das câmaras.



MICHELINE PRELLE
(Fox)

KARIN Hansen tudo sabia a respeito de marinheiros. E por quê não? Ela era a secretária confidencial do Almirante Scott, no Centro de Testes do Foguete da Aviação Naval dos Estados Unidos em Pont Mogu. Karin não se surpreendia com coisa alguma que a marinha fizesse.

Êste novo comandante, Bill Talbot, chegado há poucas semanas no comando do submarino "Bueflin" (Barbatana Azul), talvez fôsse simpático como poucos. Afora isso, não era nenhuma exceção. Karin sabia tudo a seu respeito. Um relatório completo sôbre Bill passara por suas mãos.

Mas, no relatório não constava que Bill gostava de beijar moças em seu carro, enquanto os raios de prata da lua se refletiam na areia molhada da praia. E era essa exatamente a situação em que Karin se encontrava.

Quando Bill começou a olhá-la firmemente, inconscientemente inclinando o seu rosto para ela, Karin tomou a iniciativa, tomando o rosto de Bill com as duas mãos e o beijando demoradamente na bôca.

— Bem? Não foi para isso que viemos aqui? Pense só no tempo que economizamos! Já saí muitas vêzes com marinheiros antes, Comandante.

O homem ao seu lado sorriu, embaraçado.

— Você aceita muitas coisas como certas. Como você sabia que eu tinha intenção de beijá-la? Que a faz pensar...?

Karin ficou ouvindo o marulhar das ondas. Êle se surpreenderia com o que ela sabia. Sabia, por exemplo, que êle pedira para trazer o seu submarino para Point Mugu a fim de submeter-se a um completo treinamento sôbre os foguetes controlados, depois das recentes manobras em que um cardume de submarinos designados para a defesa, notou que o radar não conseguira de maneira alguma penetrar na tela de radar de um grupo de "destroyers" atacantes, que estavam armados com foguetes capazes de serem lançados à uma distância de setecentas milhas. Sabia que o Almirante Bradley, superior de Talbot, mandara aquêle pedido ao Chefe das Operações Navais. Fôra decidido deixar que Talbot tentasse a sua idéia de um foguete controlado, a ser lançado do *lado de fora* dos limites de distância de tiros dos navios anti-submarinos. A Cruz da Marinha que Talbot ganhara no Estreito de Suva ajudara. Além disso, êle conhecia foguetes. Embora julgassem o seu projeto quase impossível, permitiram que tentasse o seu plano pelo menos durante sete semanas.

Assim se dera a vinda de Talbot para Point Mugu. O empreendedor Comandante Bill Talbot, estimado pela tripulação do *Barbatana Azul*, sinceramente devotado ao estudo de seu plano.

Mas as demoras subseqüentes o deixaram nervoso. O Almirante Scott não concordava que uma tripulação soubesse usar *um* foguete controlado a não ser que tivesse estudado — minuciosamente — todos os foguetes controlados. Já se havia passado semanas de estudos — aerodinâmica, electrônica, giroscópicos. Semanas de aulas que consumiam as preciosas sete semanas de Bill Talbot, enquanto nada de concreto poderia ser realizado.

Sim, Karin o conhecia melhor do que êle o supunha. Mas era como mulher e não como secretária que ela o deveria tratar esta noite.

— O meu dia começa às oito horas da manhã. Desde que você nada deseja de mim, apesar de tudo, talvez fôsse melhor levar-me a casa.

★

Karin se espantou consigo mesma ao notar o quanto os seus pensamentos convergiam para Bill e interessadamente acompanhou os progressos de sua tripulação. Já estavam lidando com os foguetes. Contudo, Bill continuava inquieto em virtude da perda de tempo.

Vendo o passar rápido das semanas, Karin também reparou a devoção que a tripulação do "Barbatana Azul" dedicava ao seu comandante. Havia, por exemplo, Fuss Payne, um homem cujo rosto amável era entrecortado de linhas causadas pelos anos de trabalho em submarinos, falando todo o tempo em ir para a casa ajudar a sua irmã a criar o seu filho, mas que novamente entrara na Marinha porque Talbot talvez precisasse dêle agora; o grandalhão e despreocupado Chuck Davis, mergulhador, e havia, também, Andy Mason, metralhador e artilheiro; e Mac, o sardônico engenheiro electrônico; e Pete, torpedeiro. Todos êles estimavam Bill.

Não foi difícil para Karin descobrir por quê. Também não lhe custou descobrir a raivosa frustração de Bill quando, restando-lhe apenas dez dias, o seu pedido para colocar um lançador no submarino foi rejeitado.

CINE ROMANCE

Destino às Nuvens

Titulo original:

THE FLYING MISSILEX

Comandante Bill Talbot	GLENN FORD
Karin Hansen	VIVECA LINDSFORS
Almirante Scott	HENRY O'NEILL
Dr. Gates	Carl Benton Reid
Fuss Payne	Joe Sawyer
Lars Hansen	John Qualen
Almirante Bradley	Anthony Ross
Chuck Davis	Ross Ford
Mac	Zachary A. Charles
Andy Mason	Jerry Paris
Pete McEvoy	Kenneth Tobey
Chefe das Operações Navais ..	Charles Evans

Um filme da Columbia Pictures Corporation — Produzido por Jerry Bresler — Dirigido por Henry Levin — Cenário de Richard English e James Gunn — Baeado numa história de Harvey S. Haislip e N. Richard Nash.





O Almirante Scott lhe dissera que não havia lançadores disponíveis. Trabalhando com Scott, Karin sabia que isso era verdade. Mas Bill, não acreditou, porque não desejava mesmo acreditar. E Karin, porque merecia a confiança do Almirante não lhe podia dizer que os materiais estavam realmente escassos.

— O que me deixa com raiva, — diz Bill à sua tripulação, depois da recusa, — é que tenho certeza de que eu mesmo posso construir um lançador — êle fêz uma pausa, olhando significativamente para Fuss. — O essencial é localizar as partes. Creio que estão tôdas marcadas para outros navios. E' uma pena que estejam tôdas por aí, perdendo-se. E' uma pena que eu não as possa requisitar.

— Sim, senhor — pestanejou Fuss. — E' uma pena...

★

Aquela mesma noite, houve um baile no Clube dos Oficiais. As vozes alegres e despreocupadas enchiam o ar, quando Bill e Karin se dirigiram à mesa do Almirante e Sra. Scott. Logo estavam dançando. Mas Bill, logo que a música terminou, levou Karin para o pátio.

— Você precisa de um pouco de ar fresco — sussurrou-lhe êle.

— Preciso? — os olhos de Karin fulguravam.

— Não exatamente. Apenas gosto de ficar sòzinho com você e enlouquecer. Fitando os olhos nela, Bill continuava segurando a sua mão. — Você é muito mais bonita ao luar.

— Quem não fica? — ela se esgueirou, deixando Bill sòzinho quando êle tentou puxá-la para junto de seu corpo. Bill a seguiu.

Ao se aproximar de Karin, ela perguntou suavemente:

— Suponha que eu me apaixone por você.

Bill, também, agora estava sério.

— Acho que você está atrasada. Eu já me apaixonei.

Karin soergueu os olhos para êle. Vagarosamente, como um pássaro que voa suave após ter avistado o ninho, Karin o beijou terna e delicadamente.

— Karin... — começou Bill, desajeitadamente.

Ela pôs a mão em sua bôca.

— Não quero tirar vantagem do luar. Se você sentir vontade de dizer mais alguma coisa depois... — caminhou rapidamente para o interior, sendo seguida por Bill, que sorria feliz.

Pouco depois um garção entregou um bilhete a Bill, dizendo que Fuss o estava esperando do lado de fora. Um dos marinheiros fôra acometido por um ataque de apêndice.

Foi no dia seguinte, no gabinete, que ela soube a verdade sôbre aquêle "ataque de apêndice"; um oficial trouxe uma fotografia tirada à noite anterior, mostrando claramente Fuss, Mac, Andy e Pete, no momento exato em que arrombavam a porta do Depósito de Engenharia.

— Uma prova de um de nossos inventos fotelétricos. Depois que uma porta é aberta horas após ter sido trancada, uma fotografia é batida instantâneamente, por uma máquina de raios infra-vermelhos.

O Almirante se zangou.

— Não havia necessidade de roubarem aquêle material. Se eu soubesse que êles estavam prontos, lhes teria dado.

— O senhor quer que eu os apanhe?

— Não. Estou curioso. Deixe que continuem. Até quando aquêle material não fôr necessário a outro projeto, êles poder mantê-lo. Talbot ainda tem muito a aprender.

— Penso que é muita generosidade sua deixá-los continuar — disse o oficial, sorrindo. — Êles improvisaram uma oficina no angar do senhor.

— Improvisaram quê? — Scott quase se levantou da cadeira, mas se acalmou imediatamente. — Traga-me-me relatórios diários.

O Almirante esperou até a noite em que Bill dava os últimos retoques no lançador para fazer uma visita. Apareceu inesperadamente sem fazer anunciar-se.

— Creio que ainda cheguei a tempo para o batismo — disse sarcàsticamente.

Os homens se agruparam, enquanto Scott inspecionava o lançador. Apesar de si mesmo, sentiu-se compelido a admirar o trabalho dos marinheiros, mas o seu rosto continuava coberto pela mesma máscara de severidade ao perguntar o que êles pretendiam fazer em seguida. Bill admitiu que esperava obter uma permissão do Almirante para um teste, quando, então, lançaria um "Loon". Sentiu-se desapontado quando o Almirante respondeu que há duas semanas o campo estava sem nenhum dêsses foguetes.

— Da próxima vez é melhor você trabalhar de acôrdo com a marinha — concluiu êle, severamente, antes de retirar-se.

★

O sol brilhava na janela, naquele dia em que Karin preparava os sanduiches para o piquenique que planejara com Bill. Então, o seu tio Lars, com quem vivia, dela se aproximou, para externar a sua opinião sôbre o seu namôro com Bill.

Mas Karin o amava sinceramente e não deu ouvidos aos conselhos do tio, correndo para fora ao ouvir a buzina de um carro.

O mundo parecia muito longe enquanto os dois se encontravam juntinhos na praia e as ondas beijando suavemente a areia. Karin e Bill estenderam uma toalha e comeram famintamente.

Como Karin desejava ajudá-lo.

— Bill, por que você permite que isso signifique tanto em sua vida?

— Sinto isso desde a guerra — respondeu êle vagarosamente. — Uma vez tivemos de ficar trinta-e-oito horas submergidos até podermos fazer uns consertos e subir.

— Foi como... se... se você nunca mais subisse!

— Não foi nada bom. Mas isto não acontecerá com outras pessoas no futuro, se os submarinos puderem ser equipados para lutarem à distância. E' êsse o motivo porque isso significa tanto para mim. Mas agora parece que deu tudo em nada. Deixo Point Mugu em quatro dias!

— Eu sei.

— A única coisa em que pensei até agora foi em trabalho. Deveria ter pensado que também vou deixá-la. Apenas agradeço em ter acordado em tempo. Já tentei dizer de u'a maneira que não pareça vulgar. Agora não me importa coisa alguma. Eu a amo, Karin.

— Não consigo pensar em nada que gostasse tanto de ouvir — a voz de Karin era uma melodia de amor.

Bill a puxou para junto de si.

— Eu a verei à noite e amanhã e...

— E então você irá embora.

— Isto não será o fim. Não agora. O Almirante Scott ficaria enfurecido comigo se soubesse que me deu algum tempo para descansar. Agora chegou a hora.

— Não fale assim, Bill — ela implorou. — O Almirante não está contra você. Êle apenas disse a verdade. Não temos Loons em Point Mugu. Sòmente ontem eu soube que existe um carregamento dêles na estação do Almoxarifado do Exército. Não estão muito longe daqui, pois têm de passar através dos canais.

Repentinamente, os olhos de Bill se incendiaram.

— Então é assim, hein?

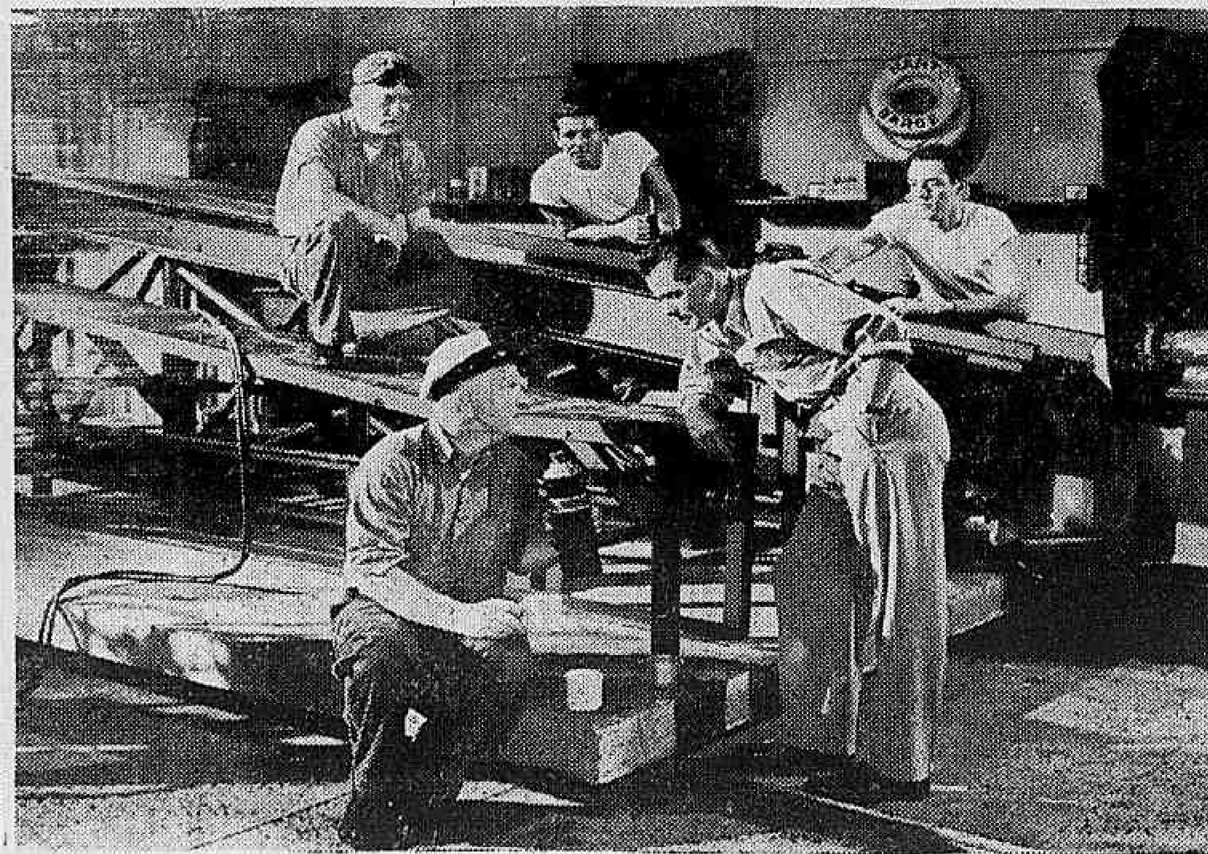
— Tente não se preocupar — Karin tentou acalmá-lo. — Você não pode fazer coisa alguma. Não há ninguém que possa fazer alguma coisa — ela alçou os seus lábios para êle.

★

E ela pensara que o conhecia bem! Sòmente quando quatro caminhões do exército vieram querenando através da estrada de Point Mugu foi que ela compreendeu o que Bill fizera na mesma tarde. Logo depois era só em que se falava no pôsto.

Êle conseguira persuadir um pilôto seu amigo a levá-lo ao almoxarifado e através de uma série de trapalhadas lograra chegar até o próprio General Benton. O General se preparava para tomar avião a fim de tomar parte em uma conferência em Washington, mas antes de partir dera consentimento para que oito Loons fôssem enviados para Point Mugu, a pedido de Bill.





Assim, entregues sem ter de passar através dos canais, aí estavam os oito Loons que o "Barbatana Azul" necessitaria para a experiência. Com uma expressão de triunfo estampada em seu rosto, Bill entrou no escritório do Almirante Scott.

— Oito Loons, com os cumprimentos do General Benton, não é isso, Talbot? — exclamou o seu superior. — Quem o autorizou a pedir ajuda ao exército?

— Ninguém, absolutamente, mas quando descobri onde se encontravam...

Karin apenas olhou para Bill, compreendendo pela primeira vez que êle a estava usando a fim de obter as informações necessárias para o desenvolvimento de seu projeto. Com a mente perturbada por êste pensamento, dirigiu-se chorando para a sua mesa.

Mas Bill continuou:

— Como o senhor sabe, Almirante, temos ordens para deixar Point Mugu amanhã à noitinha. O senhor nos dá permissão para disparar o Loon?

— O seu treinamento aqui foi autorizado por oficiais meus superiores. Temos os Loons.

— Amanhã pela manhã, então? — indagou Bill.

— Você poderá estar preparado?

— Sim, senhor! Se a oficina instalar o lançador. O resto nós mesmos faremos. A minha tripulação trabalhará durante tôda a noite, preparando o Loon.

Bill se dirigia à porta quando o Almirante o chamou:

— Comandante! Desde o dia em que o senhor chegou aqui, preferi fazer tudo à sua moda. Não gostei disso, mas compreendi. No entanto, há coisas que nenhum homem poderia admirar. O senhor sabe, por exemplo, que agora tenho de trocar de secretária?

— Mas, senhor... — pela primeira vez alguém conseguira uma reação de Bill.

— Lamento isso muito mais do que você, Talbot — interrompeu Scott, friamente. — Era só isso!

Karin estava apanhando o seu chapéu e casaco quando Bill emergiu no escritório da frente.

— Karin... — êle disse. Ela não o olhou. — Por favor, Karin. Não pensei que resultasse nisso. Você bem sabe como é importante...

— Existem coisas que também são importantes para mim — tôda a côr parecia haver abandonado as faces de Karin. — Êste emprêgo O que sentia por você. Mas... você, quando chega a ocasião de fazer uma escolha, sacrifica tudo, egoìsticamente.

— Nunca pensei que isso pudesse acontecer Karin, — êle implorou — se pelo menos você ouvisse...

— Já ouvi bastante. Agora nada mais me resta para ouvir — ela lhe deu as costas, deixando-o para sempre.

★

Durante tôda a noite Talbot e a sua tripulação trablharam nas preparações para o teste. Continuavam trabalhando a bordo do "Barbatana Azul" quando a madrugada chegou. A madrugada do último dia de Bill em Point Mugu.

Nesse pôsto a experiência do dia era o tópico obrigatório de todos os grupos onde se reuniam mais de dois homens para conversar. Falou-se muito também da falta de sorte de Bill. Primeiro, as rêdes de pesca do tio de Karin, Lars, atrapalhando a pontaria e quando o submarino se afastou dez milhas da zona de pesca, uma espêssa neblina envolveu a região.

Mas nada conseguia demover Bill de seu propósito. Não agora. Êle não podia cancelar o teste com mêdo de perder a oportunidade. Dêste modo o "Barbatana Azul" continuou seguindo o seu curso normal.

Encontravam-se no mar há pouco tempo quando as complicações começaram a surgir. Quando Bill soube que o circuito de fogo do submarino estava com defeito, desceu para averiguar do que se tratava.

Aconteceu apenas alguns instantes antes do Loon ser disparado. Mesmo as pessoas que se encontravam na praia puderam ouvir o barulho da explosão e ver as centelhas sobressaírem no meio da neblina. Uma ambulância foi enviada imediatamente para a doca de Port Hueneme. O "Barbatana Azul", bastante avariado, voltava à base, com dois feridos, Bill e Fuss.

Tôda a tripulação do "Barbatana Azul" se concentrou do lado de fora da sala de operações, aguardando notícias dos feridos. De repente surgiu Karin no meio dêles. Ali, ela soube do que acontecera. Bill caíra de encontro à tomada de segurança do circuito de tiro e a ter involuntàriamente colocado em *Pronto*. E ao dar a ordem para fazer um teste no circuito...

Finalmente, um dos médicos anunciou que Bill não mais corria perigo. Mas Fuss nem ao menos chegou a voltar a si.

Bill estava surpreendido. Depois de semanas sem uma só visita, o Almirante Scott foi a primeira pessoa a entrar em seu quarto. Estava em franca convalescência. Scott o encontrou com uma prancheta em sua frente, trabalhando em uma tomada que realmente oferecesse segurança para que o acidente que lhe sucedera não se repetisse. O Almirante tinha notícias para o alegrar mais ainda.

— Apesar da explosão, nós continuamos com as experiências. O seu submarino já está consertado, flutuando em Point Mugu.

— Eu voltarei logo que puder — respondeu Bill, interessadamente.

Mas o que êle não sabia — o que nem mesmo Scott lhe poderia dizer — era da morte de Fuss. Parece que o médico desejava, antes de tudo, que êle fôsse completamente curado e pudesse andar novamente.

Uma tarde, pouco tempo depois da visita do almirante, Andy, Pete e Mac se dirigiram ao hospital, levando um papel que haviam encontrado no armário de Fuss: *"No caso de minha morte e até que as minhas propriedades sejam legalizadas, o Comandante Talbot..."*

— Que vamos fazer? — queixou-se Andy.

— Não podemos fazer nada sem a assinatura do comandante e não podemos falar com êle até que o dr. Gates dê o seu consentimento.

Então, o próprio Bill entrou no consultório do médico, onde o grupo se encontrava. Contentíssimo por vê-los, a sua primeira pergunta foi sôbre Fuss.

Êles gaguejaram, sem lhe dizer, mas Bill descobriu. Viu as instruções que Fuss lhe deixara. Souberam imediatamente que sensação Bill sentira ao tomar conhecimento da morte de seu amigo. Primeiro, com o rosto pálido e retorcido, assinou o documento. Então, notaram que as suas pernas não mais podiam suportar o pêso do corpo e êle tombou ao solo.

★

Nesta manhã, Karin estêve novamente no hospital. E, mais uma vez, lhe foi negada a permissão para visitar Bill. Em virtude da recaída que tivera ao saber da morte de Fuss. O dr. Gates explicou.

— Mas ninguém o culpa por isso! — protestou Karin.

— Eu sei — concordou o médico. — Mas êle se culpa a si mesmo. Se não notarmos nenhuma melhora em uma semana o enviaremos para um outro hospital — suspirou o médico. — E' provável que em novo ambiente talvez se restabeleça.

— E se isso não acontecer? — Karin fixou os olhos no médico e leu a resposta em seus olhos. — Mas êle não pode ser reformado. A Marinha é tudo para êle... a sua própria existência — agora ela estava implorando. — Talvez... Um homem necessita de seus amigos mais do que nunca...

— Eu gostaria de fazer com que êle assentisse em ver a sua tripulação... e você... Desculpe... Quando êle conseguir raciocinar direito, tenho certeza que desejará ver todos vocês.

Karin emudeceu. Fôra o próprio Bill e não o seu médico que exigira: "Nada de visitas". Nem mesmo quando êle foi enviado para um novo hospital em San Diego. Ainda só conseguia andar usando um aparelho ortopédico e com o auxílio de begalas. Ainda abatido e silencioso. Será que Bill assentiria em receber a visita de algum de seus velhos amigos?

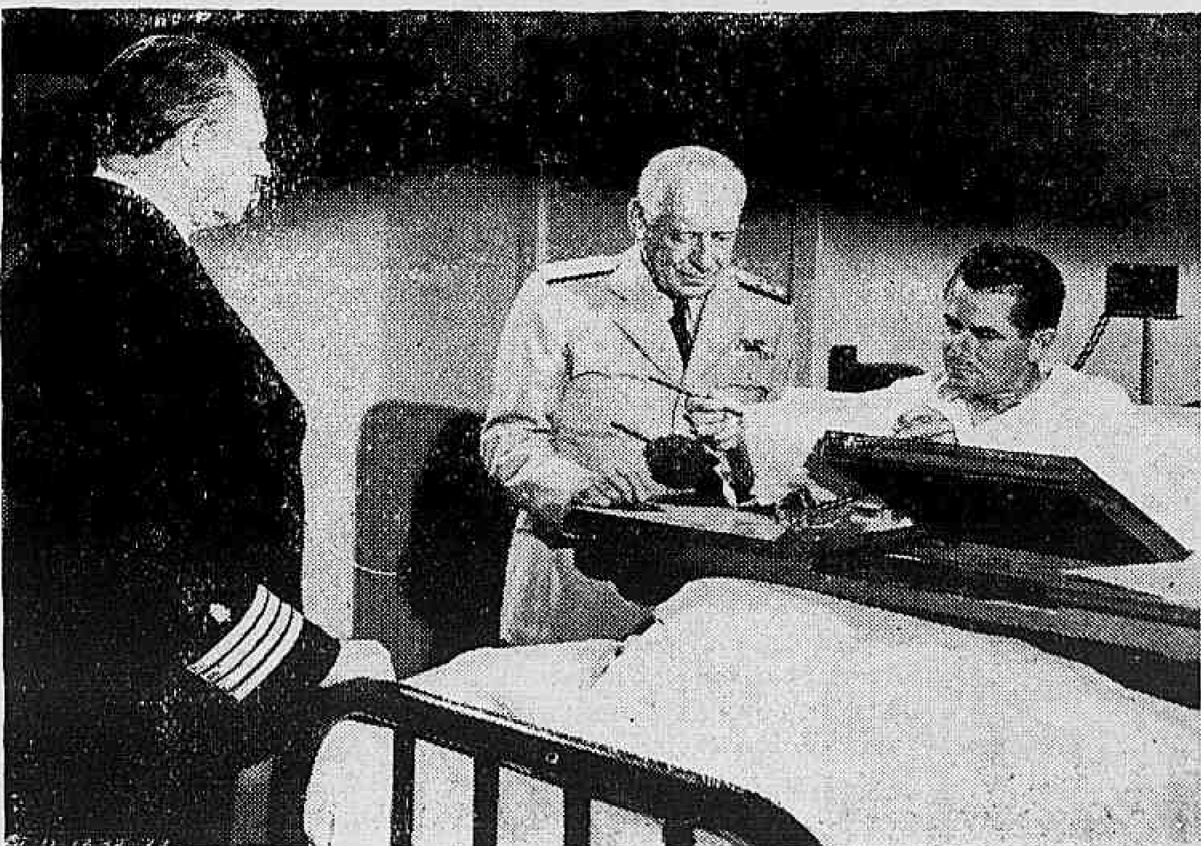
A sua velha tripulação, porém, permaneceu em Point Mugu, no "Barbatana Azul". E o treinamento continuava. Seis lançadores de projéteis de seis submarinos já se aproximavam do acabamento na oficina de fabricação de projétil. E a tomada de segurança, aperfeiçoada por Bill, também seria usada. Os lançadores seriam instalados nos submarinos em tempo para as próximas manobras da frota.

Muitos dos sonhos de Bill já se tornavam realidade. Como êles esperavam: Karin, o Almirante Scott e os homens do *Barbatana Azul* que êsses arranjos o ajudassem a se restabelecer definitivamente. Mas Bill continuava mergulhado num mar de desespêro. As suas pernas ainda continuavam imobilizadas.

O Almirante Scott mandou chamar Karin numa dessas manhãs de sol que insuflam esperança e sorriu-lhe quando ela entrou em seu escritório.

— Alô, Karin — êle a saudou cordialmente.

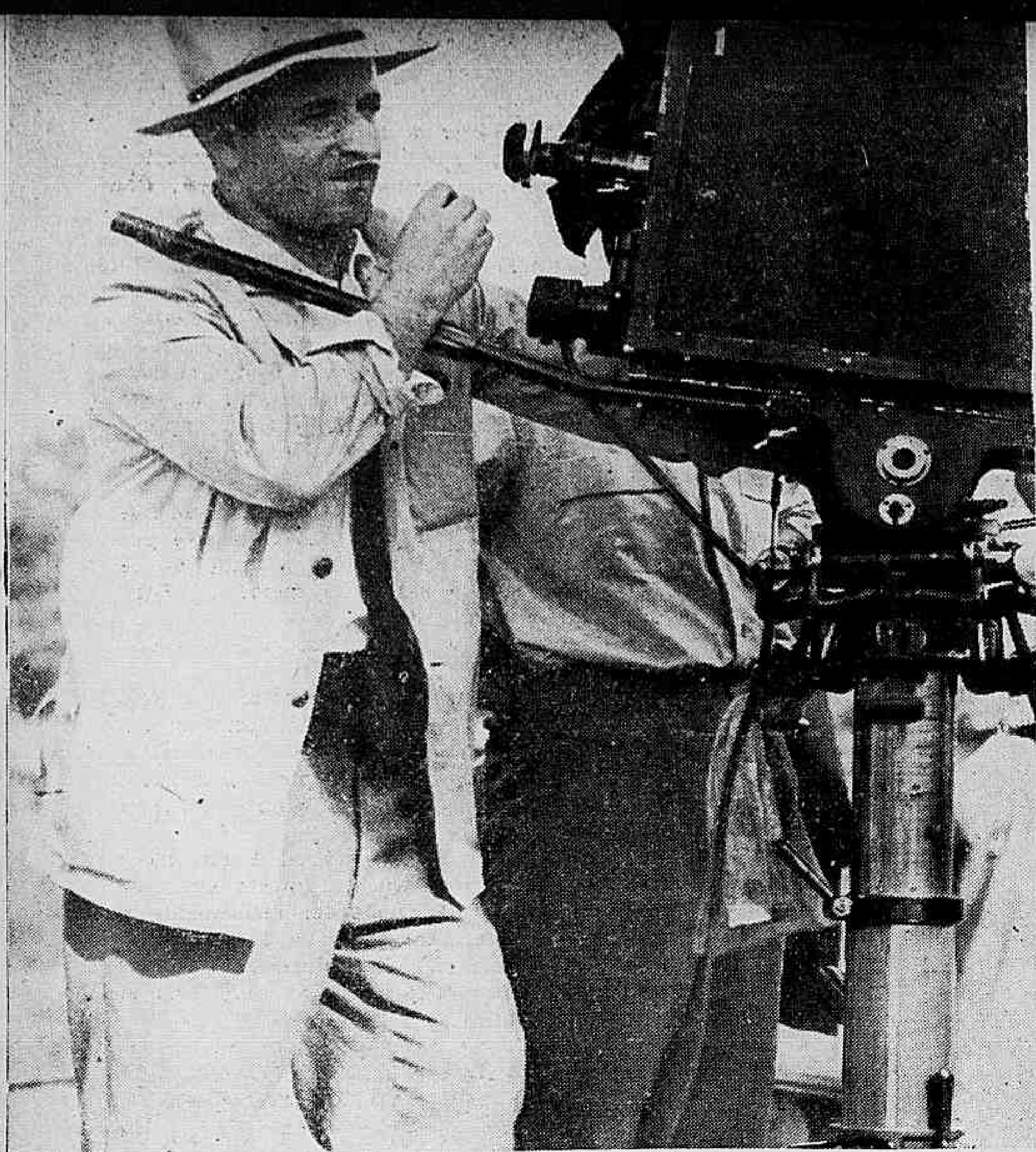
(*Cont. na pág.* 22)





PROCÓPIO NO CINEMA

Reportagem de PAULO KALAMAR



Alto Tonti, premiado em Punta Del Este, com o filme «El Briganto Musolino», será o diretor de fotografia do filme de Procópio.



Henriette Morineau e Procópio Ferreira, dois azes do teatro, juntam-se pela primeira vez diante das câmaras.

(S. PAULO — maio) — «O teatro brasileiro está acabando». Estas foram as palavras de Procópio, há alguns meses atrás, quando declarava em uma entrevista, acrescentando: — «São várias as razões e de ordens diferentes. Falta de instrução em primeiro lugar. O povo continua sem a instrução necessária para compreender um bom teatro. Falta de casas de espetáculos, em segundo. Vem ainda a falta de preparo, tanto nos originais apresentados como nas representações. Finalmente, vem o preço excessivamente alto das entradas, responsável pela deserção cada vez maior do público dos nossos teatros».

Foi quando o repórter lembrou-se de imprensar o intérprete de «Deus lhe Pague» contra a parede, perguntando-lhe qual seria então o futuro do teatro no Brasil. Procópio respondeu laconicamente:

— «Não tem futuro. Está acabando e terminará completamente, apesar dos esfôrços de meia-dúzia de abnegados. A não ser que aconteça alguma coisa de inesperado».

E, de fato, alguma coisa de inesperado aconteceu. Mas não em favor do teatro, como prognosticava o grande ator da ribalta, mas sim em pról da cinematografia nacional, cuja industrialização vinha criando raizes bem profundas em território bandeirante, com o nascimento de estúdios como a Vera Cruz e a Maristela. O cinema nacional estava tomando um impulso muito sério e grandes contratos eram firmados, não só com elementos brasileiros, como com técni-

cos e artistas estrangeiros. E o grande Procópio não podia ficar esquecido. Inteligente e talentoso, o criador de «Avarento» foi cobiçado várias vêzes pelo cinema indígena e chegou mesmo a tomar parte em alguns filmes, que êle próprio confessa terem sido um desastre, voltando sempre ao palco, com a intenção de elevar o teatro no Brasil. Mas Procópio compreendeu que o cinema nacional se estava firmando e se mostrou muito entusiasmado, quando visitou os estúdios da Maristela, em Jaçanã, vendo com os próprios olhos que aquêles homens se empenhavam em fazer cinema mais série e não como simples aventura. Alí trabalhava um grupo de homens competentes, com grande capital, com volumoso material técnico, e seus estúdios se alastravam cada dia mais. Estava nascendo a indústria do cinema. E Procópio não hesitou em firmar um contrato para fazer um filme. Deixou de lado a encenação de uma peça que iria levar ao palco e arrumou as malas: 45 dias de filmagem!

Hoje o filme já está bem adiantado e em vias de ser concluido. As câmaras não param, e todos, inclusive o diretor Alberto Pieralisi, mostram-se entusiasmados com a versatilidade artística de Procópio. O argumento da película foi extraído do conto de Monteiro Lobato, «O Comprador de Fazendas». Henriette Morineau, que fez uma ponta em «Presença de Anita», primeira produção da Maristela, será sua companheira nesse filme. Formam uma dupla perfeita, pois são dois grandes talentos a serviço de uma arte. No elenco estão ainda dois novatos, cujas fotos publicamos nestas páginas e que muito prometem.

Procópio, por seu lado, tem mostrado-se satisfeito com a filmagem, fazendo algumas declarações à nossa reportagem:

— No teatro, o ator deve gesticular, falar alto, para que a platéia compreenda suas intenções. O gésto vem em auxílio da palavra e a palavra deve ser ouvida por todos. Por isso se exige uma forte inflexão da voz, que tiram, em parte a naturalidade da representação. Mas isso é teatro. Já no cinema, a palavra é utilizada apenas como auxílio às imagens, e os gestos devem ser absolutamente expontâneos. Particularmente, estou muito satisfeito em trabalhar no cinema, especialmente agora, que vejo que os recursos técnicos evoluiram e não se exige tanto sacrifício por parte do ator. E' bem verdade que as cenas são repetidas muitas vêzes, mas isso acontece em todos os cinemas do mundo, de acôrdo com a vontade do diretor; e Pieralisi faz questão que tudo saia perfeito, sem falhas. Já começo a ver o cinema brasileiro com outros olhos, porque, desta vez, êle parece ter encontrado o caminho certo».



Hélio Souto, figura simpática de galã, faz sua estréia nessa película.









Aqui estão algumas cenas do filme de Procópio — «O Comprador de Fazendas», baseado num conto de Monteiro Lobato.

Margot Bittencourt, que fêz uma ponta em «Ângela», tem um papel de destaque



ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

N.º XX

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

E agora, imodestamente, resolvi encerrar a "Antologia" fazendo o auto-retrato. Mas, na terceira pessoa, pra não perder o hábito...



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Nome verdadeiro: Salvyano Cavalcanti de Paiva Pereira.

Assina *Salvyano Cavalcanti de Paiva* quase sempre.

Pseudônimos atuais e antigos. S., Alcystenes de Sybaris, A. de S., Lyrio Tuñón, S.C.P., etc.

Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, a 29 (vinte-e-nove) de setembro de 1923 (mil novecentos e vinte e três).

Filho de brasileiros, neto de brasileiros, descendente distante de portuguêses, italianos e aborigenes.

Mede 1,63 m e pesa 54 quilos.

Tem cabelos e olhos castanhos-claros.

Curso secundário iniciado em Natal e terminado no Rio.

Aluno da Faculdade Nacional de Filosofia.

Não tem muitos amigos nem gosta de fazer amizades acreditando no velho provérbio: antes só do que mal acompanhado...

Tem alguns inimigos, o que lhe parece perfeitamente honroso: só um cabra sem-vergonha não faz inimizades...

Nunca vai a bailes: não gosta de dançar.

A concertos e recitais só irá excepcionalmente.

Freqüenta salões de pintura aprecia obras clássicas e modernas.

Gosta de cantar e assobiar (tem uma voz horrorosa, para o canto... mas felizmente é entoado, o que já é uma vantagem sôbre certos cantores que andam por aí).

Lê muito, escreve bastante.

Gosta de *samba* (o autêntico, samba-canção, *de, e* para conjunt de cordas, sentimental, doce, bem brasileiro, sem as intragáveis hibridizações europeizantes, centro e norte-americanizantes). Detesta o camba de cartola metalizado pseudo-jazzificado. Autores de samba preferidos: Noel Rosa, Sinhô, Lupicinio Rodrigues, Assis Valente (dos velhos tempos), Ary Barroso (antes de fantasiar as peças).

Gosta de jazz, o jazz puro, o *hot-jazz* (sem as influências deteriorantes e comercialistas das músicas latinas, e afro-sul-americanas). Discoteca de jazz preferida: Louis Armstrong, Django Reinhardt, Nick Rappolo, Larry Shields, Bix Beiderbecke e Dizzy Gillespie. Aceita o *be-bop* mas prefere o jazz estilo *dixieland*.

Também gosta da música popular brasileira extra-samba, e da música popular norte-americana tradicional, bem marcadas pelo folclore.

Gosta, mas raramente vai ao teatro: razões econômicas...

Aprecia a arquitetura moderna

Vai diàriamente ao cinema: vê pelo menos cinco fitas por semana.

Sempre usa gravata, mas não gosta.

Usa camisas, meias, "shorts" e lenços brancos.

Sapatos n. 39, sempre de uma só côr e do modêlo mais simples.

Colarinho 35.

Gosta de usar ternos de uma só côr, preferindo o palitó ao jaquetão.

Gosta de gravatas tipo manta, de uma só côr, lisas e sóbrias.

Anda quase sempre de colarinho aberto e é desalinhado.

Faz a barba diàriamente, mas detesta!

Cabelos cortados baixinhos, quase raspados.

Usa bigode às vêzes, e às vêzes cavanhaque.

Coisas que detesta: chuvas, calor, fumantes de charutos, ligar telefone na Cinelândia às 4 horas da tarde, individuos que falam sem fitar o interlocutor, pessoas hipócritas e beatas.

Salvyano é antimilitarista, anticlerical e antifascista.

Faz versos, mas não admite, neste caso, crítica de terceiros, embora se considere péssimo poeta.

Nunca escreveu contos, nem pretende.

Pensa algum dia escrever um romance ou um livro de memórias.

Tem alguns argumentos para cinema em elaboração.

Detesta viajar de bonde, ônibus, lotação ou táxi no centro urbano: os motoristas e condutores, no Rio, constituem uma classe de deletérios. Adora longas viagens a pé, de trem, carro ou navio ou avião.

Gosta de cavalgar.

Em criança era muito tímido mas hoje é muito "entrão".

Assuntos que estuda sempre com prazer: Geografia, História, Economia, Biologia, Sociologia.

Poetas que aprecia: Castro Alves, Walt Whitman, Vladimir Maiacovsqui e Vinicius de Morais.

Romancistas preferidos: — Ilia Ehrenburg, Michael Gold, Howard Fast, Jorge Amado, alguma coisa de Upton Sincliar e Sinclair Lewis, W. R. Burnett, alguma coisa de Machado de Assis.

Contistas preferidos: Damon Runyon e Humberto de Campos (Consedheiro XX). Outros literatos brasileiros de sua predileção: Gregorio de Matos, Emilio de Menezes.

Cineastas que mais aprécia: Sergio M. Eisenstein (Ai-zens-táin) V. I. Pudovquin, Marco Donscoi Micail Romm, Luchino Visconti Edward Dmytryk, Giuseppe De Santos e René Clément no primeiro "team"; depois John Huston, Elia Kazan, René Clair, Jean Renoir, Robert Wise, Mark Robson, Jules Dassin, Raoul Walsh, Lewis Milestone, William Keighley, Joseph L. Mankiewicz, Billy Wilder, Vittorio de Sica, Pietro Germi, Aldo Vergano, Jacques Becker, Delmer Daves, Claude Autant-Lara, Anthony Mann.

Atores que mais admira: Charles Chaplin, Nicolau Chercassov James Cagney, Edward G. Robinson, Paul Muni, Humphrey Bogart, Massimo Girotti, John Garfield, Mickey Rooney, Arthur, Kennedy, Richard Widmark.

Atrizes prediletas: — Katharine Hepburn, Bette Davis, Eleanor Parker, Patricia Neal, Ida Lupino, Margaret Sullavan, Micheline Presle, Ann Sothern, Maria Dello Costa, Michèle Morgan, Cathy O'Donell, Vivi Gioi.

E' de temperamento nervoso, explosivo.

Não tolera gente pedante, tipos presunçosos e individuos de sexo duvidoso.

E' sempre de uma franqueza rude, positiva, escrevendo ou falando.

Descobriu que tem ótima voz e dicção para microfone, mas...

Detesta rádio, principalmente com novelas. Únicos programas que tolera: Professor Xico Foca, na "Rádio-Semana" da Nacional; alguns programas da Ministério de Educação; a Hora da Broadway; e um programazinho de música brasileira, pela manhã, no Jornal do Brasil .

Em criança leu novelas policiais de Edgar Wallace e os romances de Tarzan, do Rice Burroughs; hoje tem até vergonha do fato.

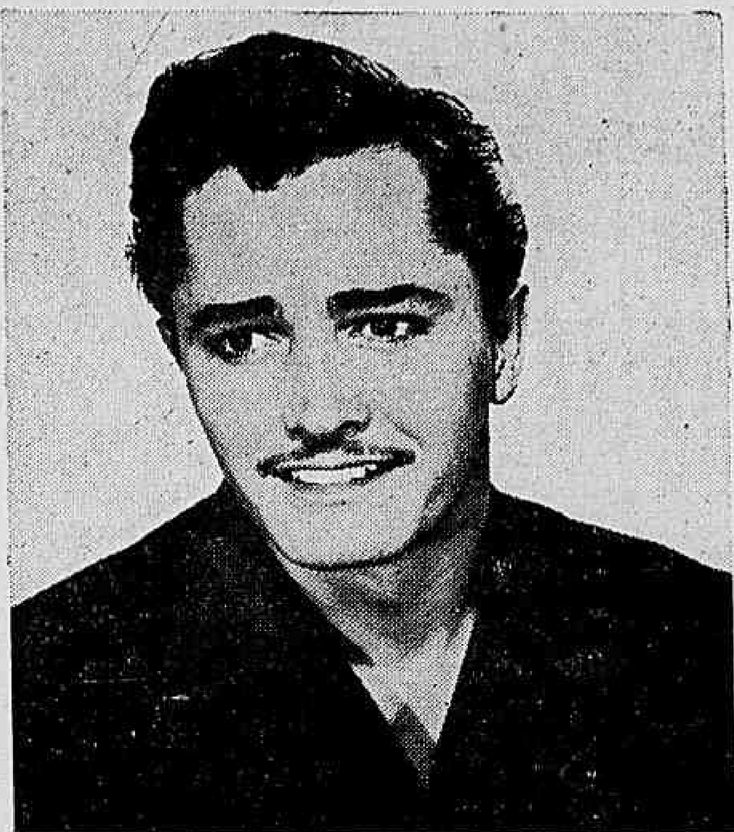
Obra clássica que mais o impressionou até hoje: "Don Quixote", de Cervantes.

Prefere sempre ler obras no original: por isso nunca leu Goethe. não sabe alemão, espera aprender um dia.

E' jornalista há oito anos e alguns meses.

Já escreveu para A CENA MUDA, "O Tijucano", "Celebridades", Pará Ilustrado", "Democracia" (diário desaparecido), "Diretrizes", "Leitura", "Policial em Revista', "Panfleto", "Fã-magazine", e "Filme".

(Cont. na pág. 23)



JOHN DEREK

DESCOBRIU O CINEMA

UM NOVO ASTRO surge na constelação de Hollywoo: John Derek, um rapaz de 24 anos e de magnífico aspecto físico que, certamente, acelerou o ritmo de muitos corações femininos com a sua surpreendente interpretação de «Pretty Boy» Romano no filme de Bogart para a Columbia «O Crime não Compensa». De fato, foi êsse o primeiro filme de Derek e o seu sucesso foi imediato e estrondoso. Tão grande que imediatamente os «executives» da Columbia o elevaram ao estrelato e agora êle aí vem como o principal intérprete de «O Cavaleiro de Sherwood», romântica aventura em tecnicolor acontecida nos tempos heróicos da velha Inglaterra.

Ao contrário do que geralmente acontece — as produtoras descobriram as estrêlas — foi John Derek quem «descobriu» o cinema. Êle soube que a Santana Productions andava buscando um artista para interpretar aquêle «Pretty Boy» Romano e apresentou-se nos escritórios da Columbia em Hollywood como candidato ao mesmo. Pedira-lhe que, em presença de Humphrey Bogart, lesse algumas linhas do diálogo, o que êle fêz com o

(Cont. na pág. 23)

PAIXÃO DE TOUREIRO

(RESUMO)

O famoso produtor e coreógrafo da Broadway Chuck Regan, embarca para a cidade do México em viagem de férias na companhia do compositor Barney Flood e da encantadora espôsa dêste, Lisbeth, que havia sido uma grande estrêla de revistas musicais. Naquela cidade Chuck apaixona-se por uma linda mexicana chamada Anita Torrencila, que é filha de um conhecido criador de touros. E' em conseqüência dos seus esforços para conquistar a moça que Chuck vem a travar conhecimento com Manolo Estrada, o maior toureiro do mundo que, com sua espôsa Chelo, são amigos intimos da familia Torrencila. Manolo comunica aos seus amigos que em breve irá retirar-se da carreira que o tornou tão famoso devido à sua idade, à sua espôsa que espera um bêbê e à sua fazenda, que êle deseja transformar em criadora de touros. O toureiro é uma pessoa extremamente simpática e comunicativa, qualidades essas que fazem com que Chuck se torne logo seu amigo.

Juntamente com Barney e Lisbeth, Chuck vai vê-lo tourear no grande Plaza. O drama, o colorido e a empolgância do espetáculo fazem uma forte impressão em Chuck, principalmente porque êle vê ali a idéia para encenar uma grande produção. Devido a isso, Chuck diz a Manolo que deseja aprender a tourear, e o persuade a ser seu professor. Êle pretende, entretanto, aprender apenas o essencial que lhe permita encenar um espetáculo com sentimento necessário para torná-lo autêntico. Chuck não tem nenhuma intenção de enfrentar sòzinho um touro vivo. Há ainda outras razões para que êle aprenda a tourear — o desejo de impressionar Anita por quem êle se encontra mais ainda apaixonado. Apesar de Lisbeth não aprovar a idéia de Chuck vir a enfrentar touros, ela e Barney ficam, por outro lado, entusiasmados com as possibilidades dessa idéia poder ser levada para os palcos da Broadway. Barney começa a trabalhar na partitura musical da peça, depois de todos os três haverem concordado num prorrogamento de férias.

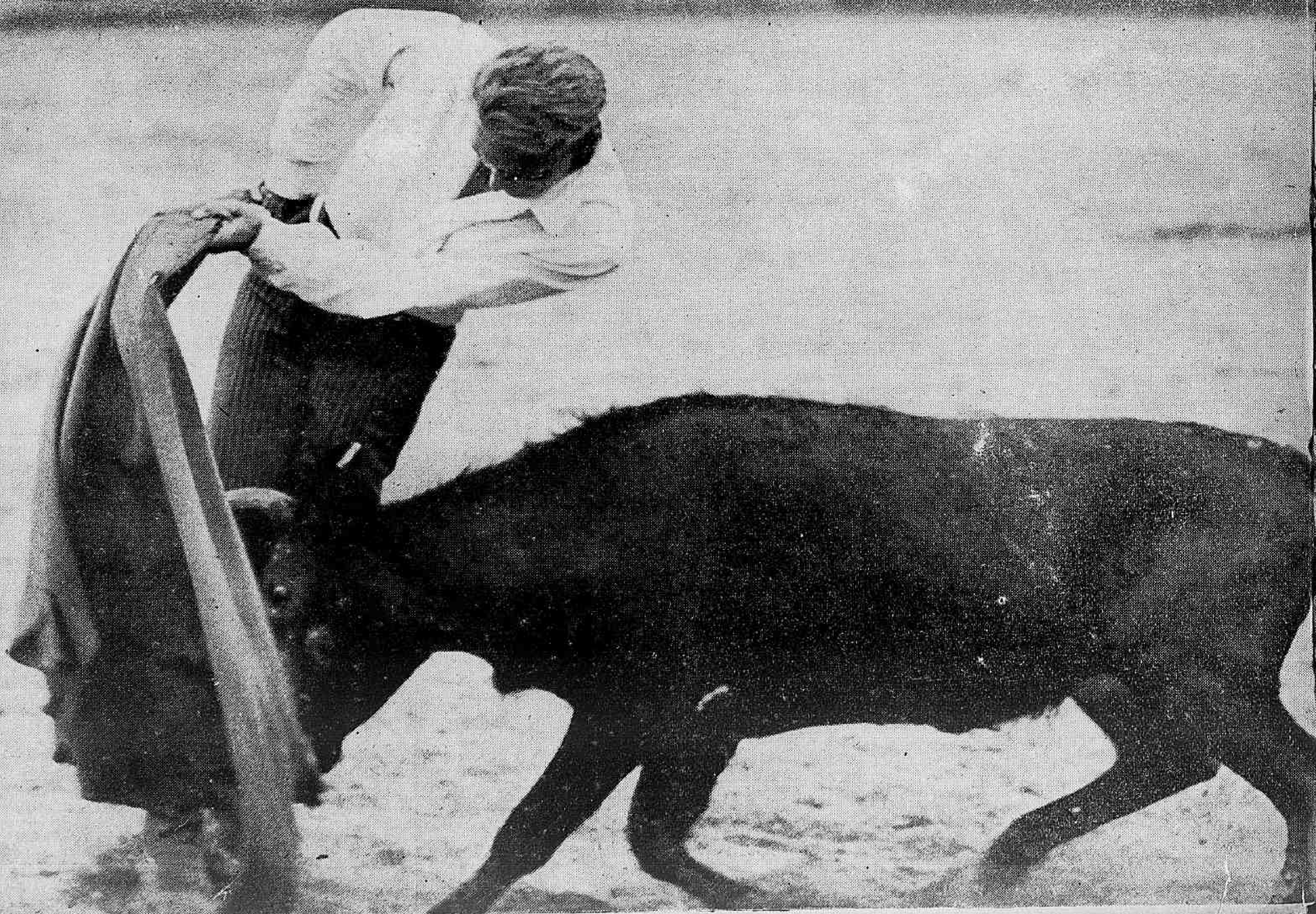
Com o passar das semanas, Chuck, sempre lutando com a capa e a espada, sob as pacientes instruções de Manolo, começa a mudar de atitude com respeito à sua teoria de não enfrentar touros. Êle começa a achar que não se trata apenas de um teste de inteligência e de fôrça entre o homem e o animal para divertimento dos espectadores; que não é um mero esporte. Há uma aura de dignidade, coragem e sinceridade nisto; qualidades que êle viu manifestadas em Manolo e em outros toureiros com os quais entrou em contato. Isso explica o afeto e a devoção que o povo mexicano nutre por êles... Aos poucos, Chuck vai vendo as touradas não como um meio de servir aos seus propósitos, mas como um fim para êle próprio. Êle passa então a aguardar com grande ansiedade o momento em que as suas aptidões lhe permitem enfrentar um touro na arena. Além disso passa a dedicar a Manolo um afeto todo especial. órfão desde a mais tenra idade, Chuck não havia conhecido ninguém que se dedicasse tanto a êle como o grande toureiro. Dêste modo, êle começa a olhar Manolo como um pai.

Chuck consegue convencer Anita do seu desejo sincero de combater touros. Ela procura fazê-lo comprender o perigo que envolve êsse esporte e da constante presença da tragédia, citando como exemplo, o célebre toureiro Dario Ramirez. Èsse homem, devido a uma tragédia ocorrida, resolvera morrer na arena. Até Manolo aponta Ramirez como alguém que Chuck deverá trazer sempre em mente para ajudá-lo a lembrar-se de que as touradas podem apossar-se de um homem de uma maneira estranha, decisiva e final.

Tôdas essas advertências, entretanto, não fazem mudar o entusiasmo de Chuck pelas touradas e, desta forma, êle consegue finalmente conquistar o amor de Anita. Infelizmente, entretanto, vem a duvidar do amor da moça por êle, ao vê-la encontrar-se secretamente com um jovem toureiro, Andres Puente, seu companheiro de infância e atualmente seu noivo. Anita, porém, está explicando a Andres que está apaixonada por Chuck e que quer romper o seu noivado de acôrdo com o contrato que ambos haviam feito anos atrás, no caso de qualquer um dos dois apaixonar-se por outra pessoa. Chuck interpreta mal o propósito dêste encontro e, quando Anita vem a tomar conhecimento das suas dúvidas sôbre ela, fica amolada e diz que não quer mais vê-lo. A sua desconfiança é imperdoável.

Apesar do seu desespêro pela perda da mulher a quem ama, Chuck emprega todos os seus esforços para manejar a técnica da capa e da espada. Êle demonstra tanta pericia e progresso nos treinamentos que Manolo concorda finalmente em deixá-lo ser seu toureiro assistente numa próxima luta a realizar-se no Plaza. Entretanto, quando êste espetáculo tem lugar, Chuck mostra-se tão confiante manejando o touro que fica em perigo o que faz com que Manolo venha em seu auxilio, embora isso lhe custe a vida. Êsse fato dá origem a que o jovem americano seja detestado por todos os homens, mulheres e crianças do pais. Chuck fica desolado pela perda do amigo e ten-

(*Cont. na pág.* 24)





(BULLFIGHTER AND THE LADY)

PERSONAGENS:

Chuck Regan	ROBERT STACK
Anita de la Vega	JOY PAGE
Manolo Estrada	GILBERT ROLAND
Lisbeth Flood	VIRGÍNIA GREY
Berney Flood	John Hubbard
Chelo Estrada	Katy Jurado
Antônio Gomez	Antônio Gomez
Panchito	Ismael Perez
Juan	Rodolfo Acosta
Dr. Sierra	Rubem Padilla
Pepe Mora	Dário Ramirez

Produção de JOHN WAYNE — Direção de Bud Boetticher (que já foi toureiro) — Música de Victor Young — Fotografia de Jack Draper — Filme da Repúblic.



COLUNA DO FÃ

ENTREVISTA COM FENELON

de GILBERTO O. SABOYA

Não faz muitos dias, quando fui informado da inauguração dos novos Estúdios da Flama, produtora de filmes, que tem a frente de sua organização, o conhecido e incansável produtor e diretor, Moacyr Fenelon. Como se tratasse de importante empreendimento pró-cinema brasileiro, resolvi, verificar de perto o que se processava ali, e também saber qual seria a sua parcela de contribuição para que melhorasse a Cinematografia Nacional. Os citados estúdios nada mais são, que a concretização de um antigo plano da extinta Cine do Brasil, e estão situados à rua das Laranjeiras. Quando ali cheguei, era intenso o movimento dos que trabalhavam na montagem de um cenário, para uma película que está sendo rodada. Dentre aquela confusão própria de um Estúdio Cinematográfico, não me custou avistar a figura dinâmica de Fenelon, que dirigia pessoalmente os trabalhos de sua equipe.



Moacyr Fenelon foi o único cineasta indígena, que apesar de enfrentar forte oposição de terceiros, manteve normal a sua produção de filmes, anualmente.

Percorri, a seu convite, os modernos Sets dos seus novos Estúdios. Notei que tudo ali é trabalho essencialmente produtivo e que viria decerto beneficiar a nossa indústria cinematográfica, que já se projetou no cenário internacional com a vitória de «Caiçara» no recente Festival Mundial de Cinema, realizado em Punta del Este, e no qual, obteve a honrosa classificação de o melhor filme sul-americano.

Perguntei-lhe então, o que achava do progresso do Cinema Brasileiro, quais as suas possibilidades quanto ao mercado internacional, e quais os planos que êle tem em mente, quanto a futuras realizações. Respondeu-me então:

— O Cinema Brasileiro, mais do que nunca está atravessando a sua maior fase desde que existe. Grandes capitais, grandes realizações, grandes empreendimentos.

Em São Paulo, a Maristela e a Vera Cruz, importando maquinária, técnicos, diretores, construindo Estúdios e mais Estúdios, e arregimentando todo o pessoal técnico e artístico existente no Rio.

No Rio, a Filmoteca, Brasil Vita Filmes, Atlântida, a Cinegráfica Sol e outras mais, rodam as suas máquinas diàriamente, terminando as suas produções.

Nós aqui na Flama, vamos acompanhando o ritmo dos nossos colegas. Temos quase terminado, «Milagre de Amor» com Fada Santoro e Paulo Pôrto.

Preparamo-nos agora para iniciar «Mar de Rosas»; uma história de Alinor de Azevedo, dirigida pelo Paulo Machado, e provàvelmente estrelada por Luiz Delfino. Já está preparada também, «Sombras do Passado» que será estrelada por Rodolfo Mayer; êsse filme, dirigirei pessoalmente.

E para finalizar o ano, já temos preparados todos os planos para um grande musical. Reservo porém para outra ocasião, maiores detalhes sôbre essa produção.

No campo de nossa produção cinematográfica, vemos elementos estrangeiros, sendo prestigiados por alguns capitalistas de nossa terra; êsses elementos, que vivem prometendo «grandes filmes», como diretores de cinema, conforme se dizem, são desconhecidos como tais na própria terra de onde vieram.

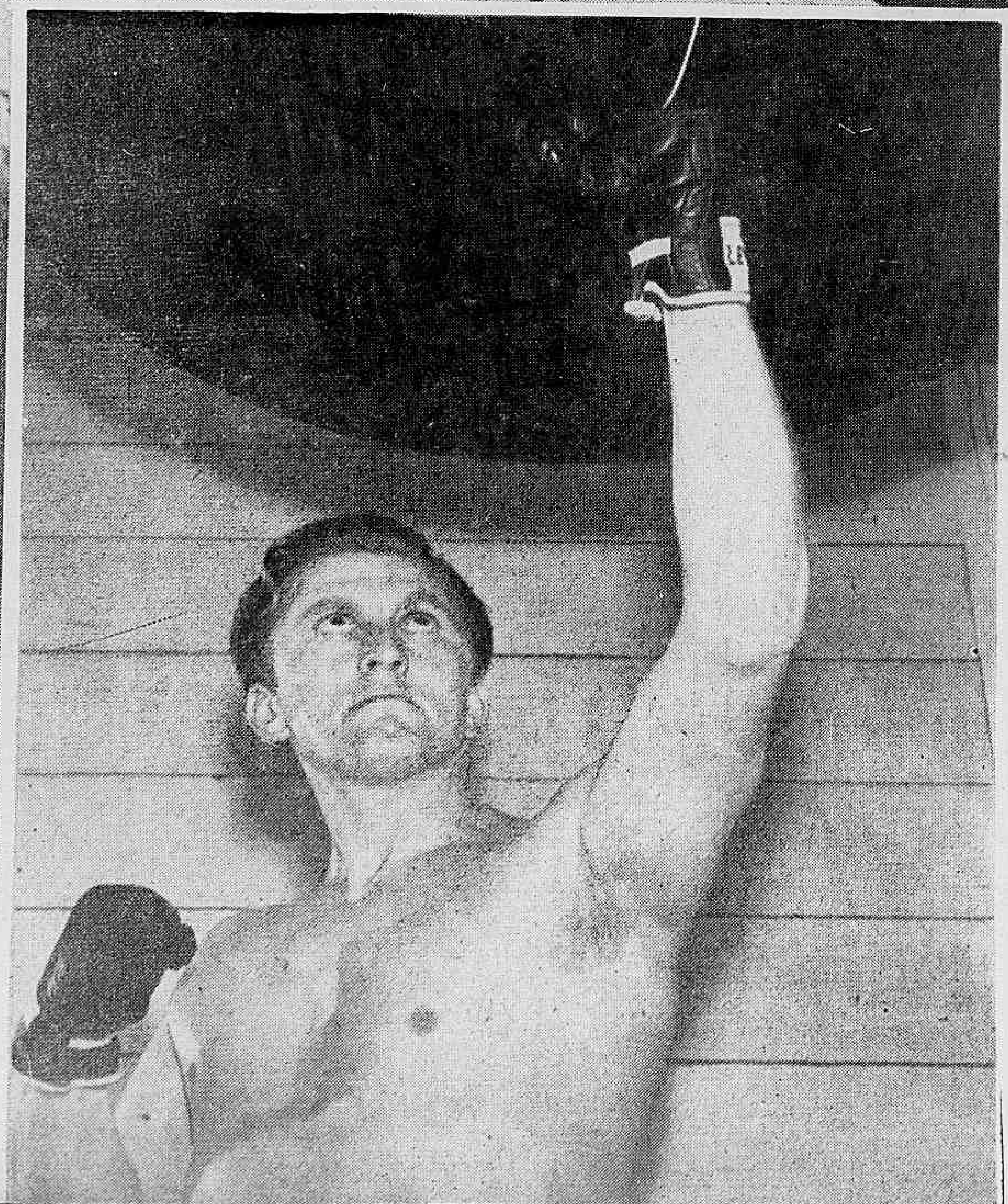
Não seria aconselhavel, que êsses mesmos capitalistas dessem o apoio necessário a elementos de casa, que já demonstraram algumas vêzes poder fazer bom cinema? Acredito que sim.

Moacyr Fenelon, José Carlos Burle, e Watson Macedo, são brasileiros, e vem demonstrando tenacidade e fibra, em realizações passadas.

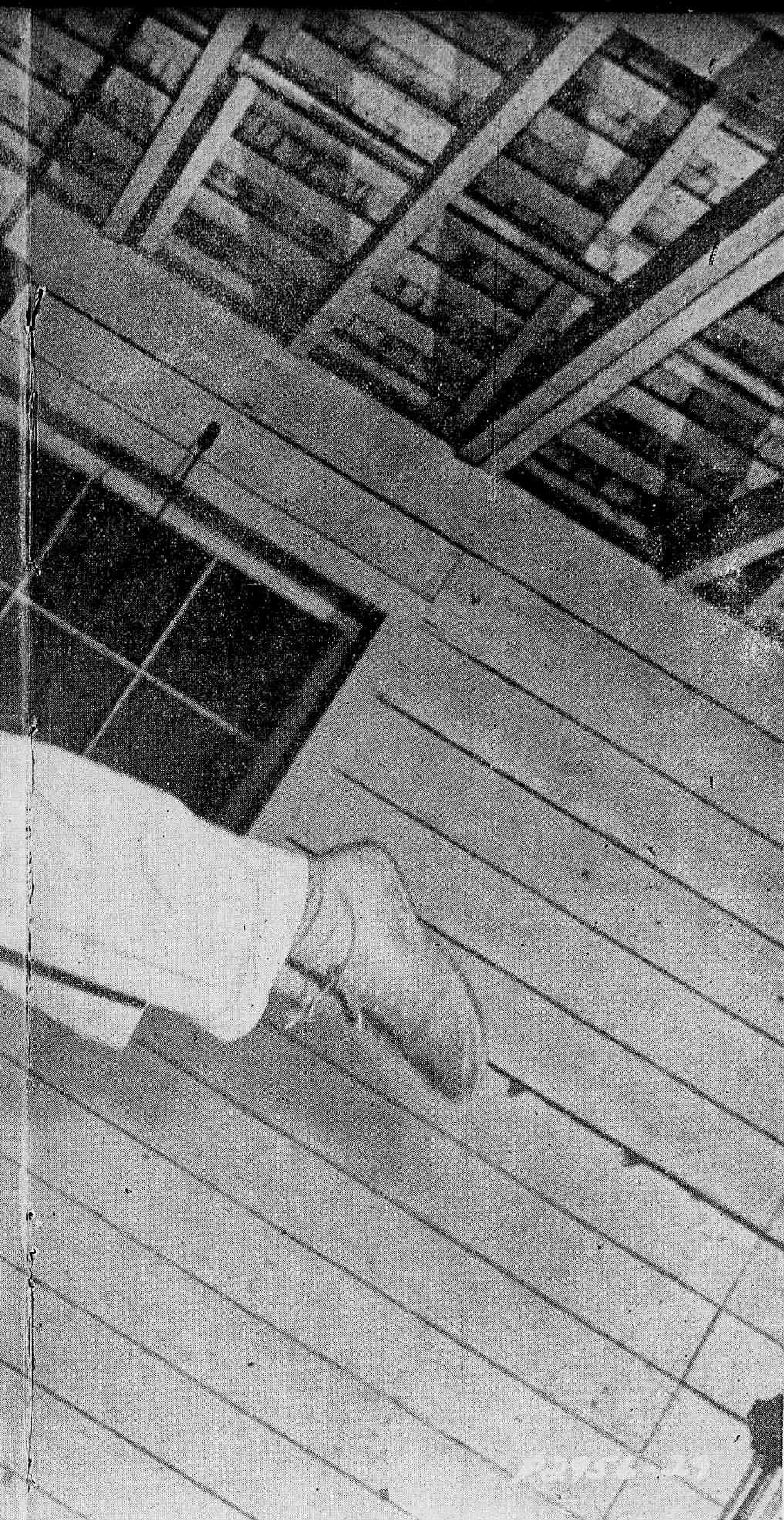
Fenelon, mostrou poder fazer cinema em «O Homem que passa»; José Carlos Burle, dirigiu um filme que agradou pelo sentido humano que encerrava a sua história; «Também somos irmãos»; Watson Macedo dirigiu o inesquecivel celulóide «A sombra da outra», impressionando vivamente a quantos o assistiram.

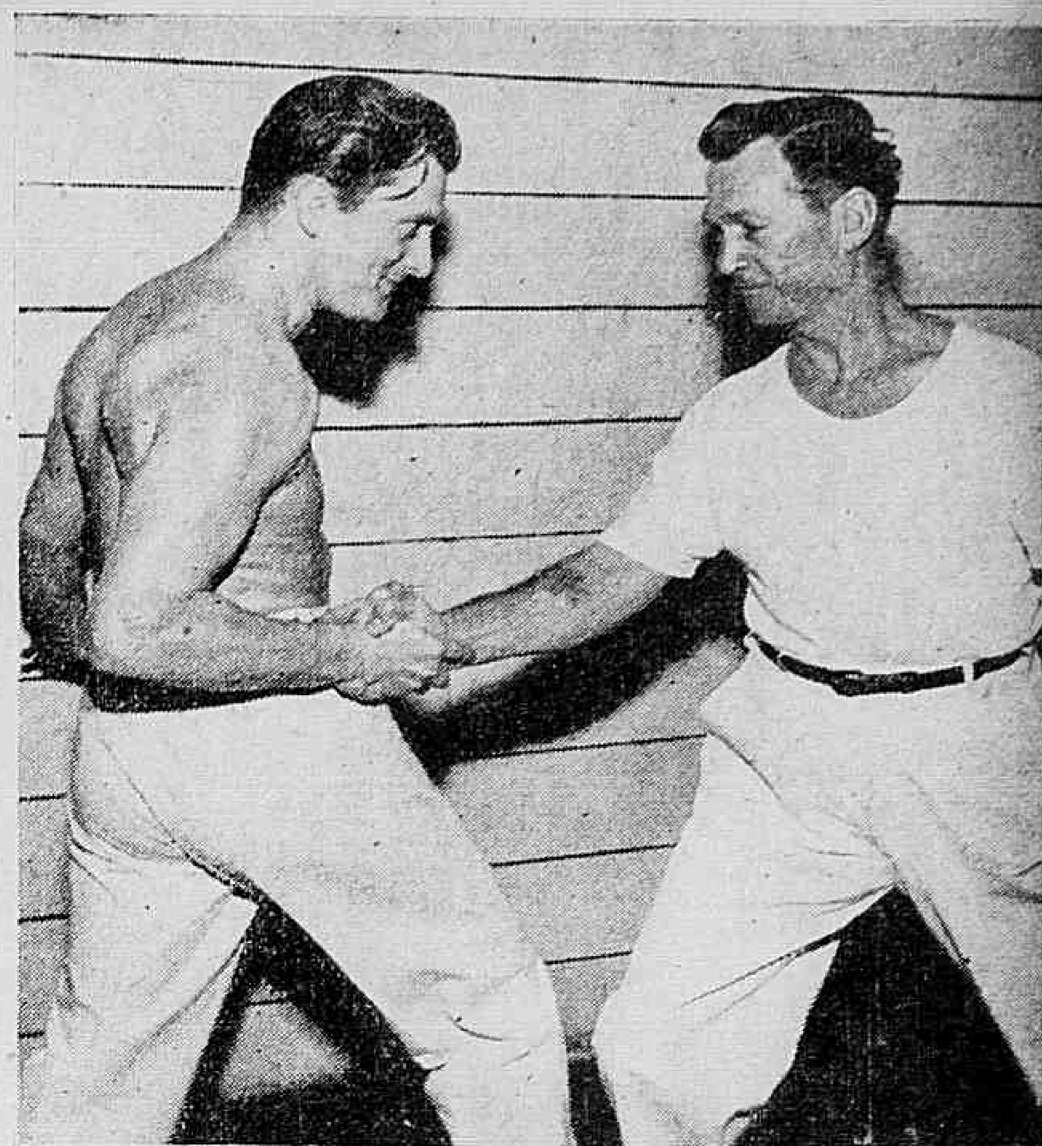
Eis aí a minha prova. Elementos brasileiros, de comprovado valor no nosso panorama cinematográfico.

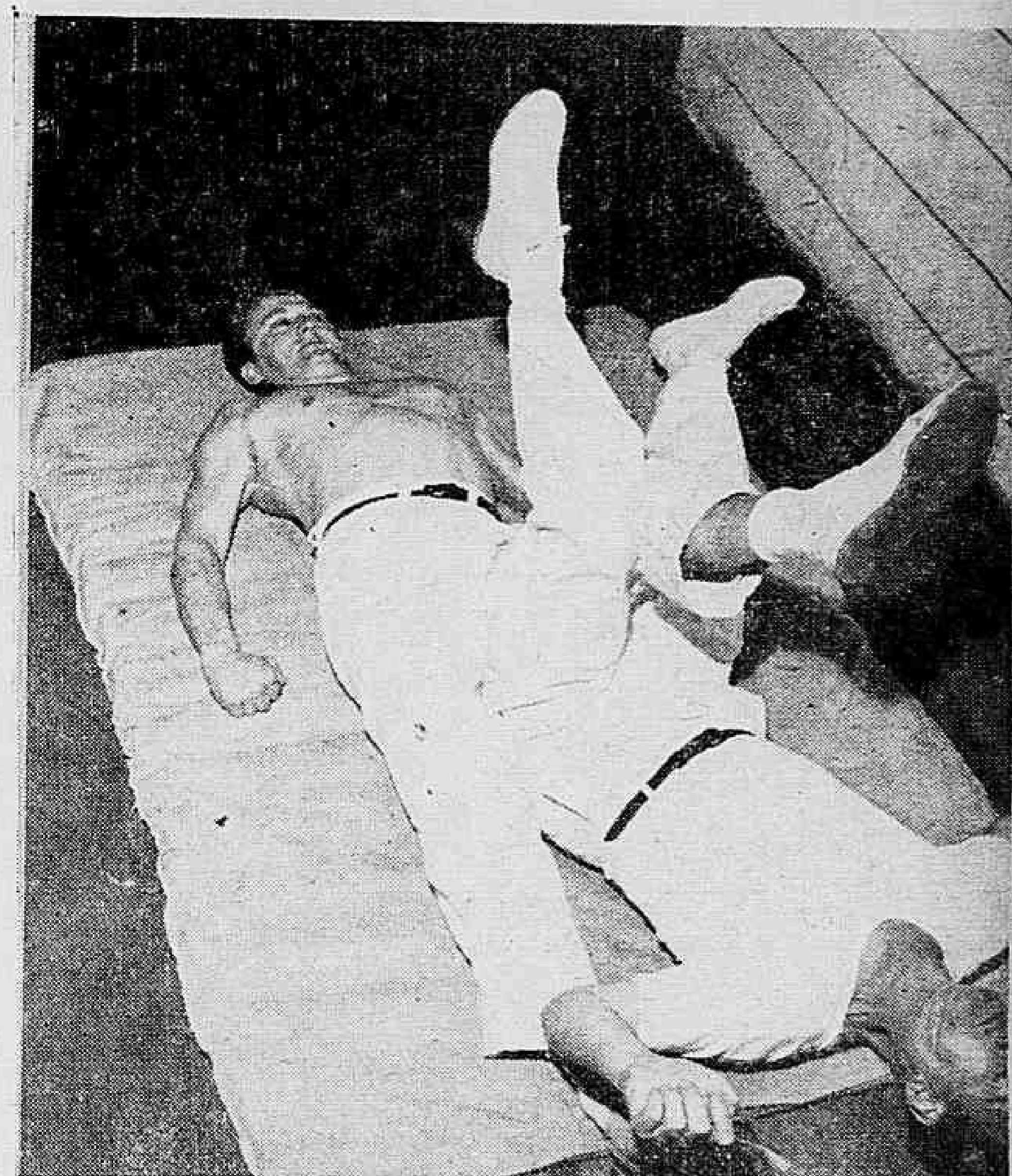
Os meus agradecimentos nestas linhas, a Fenelon e a sua equipe; oxalá, que não só produzam filmes para o Brasil, mas, produzam também para o mundo.

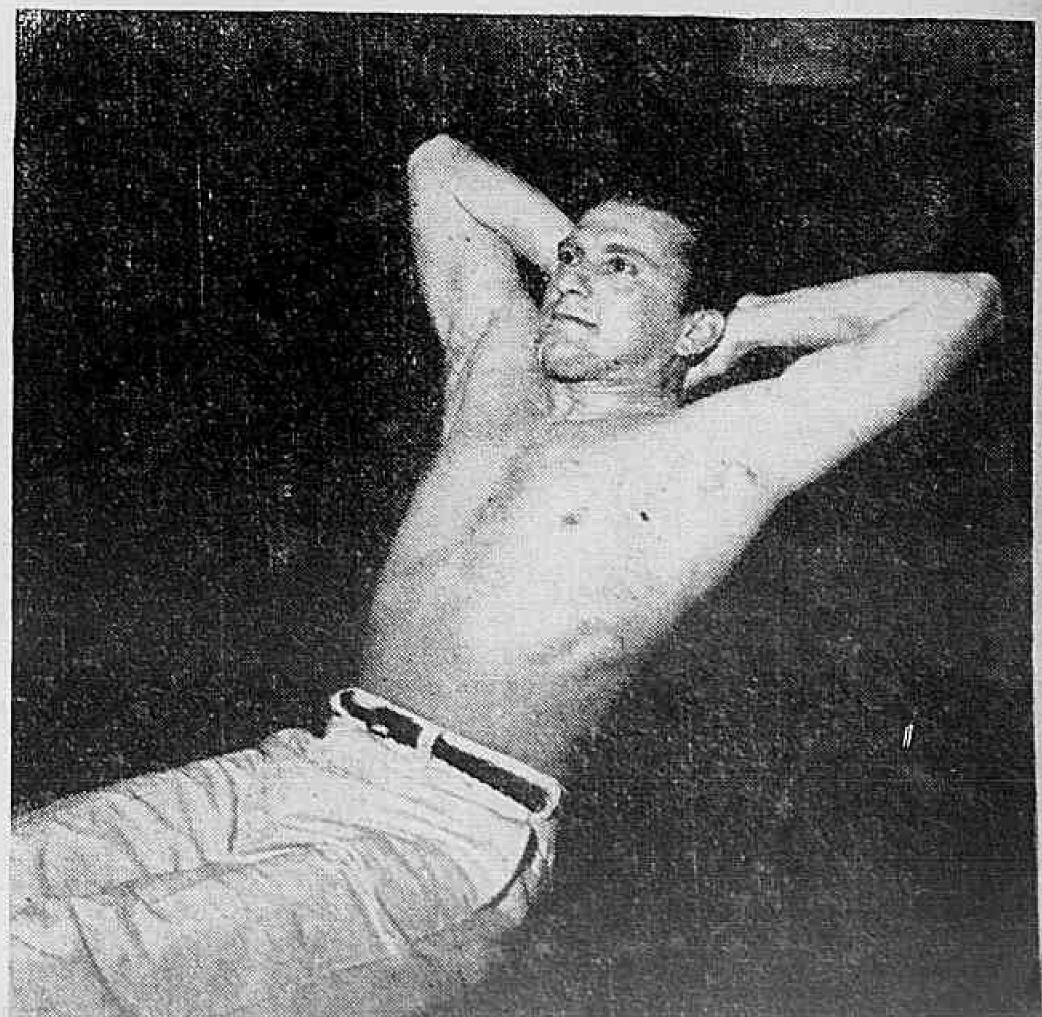


DESDE cêdo que Kirk Douglas não só aprecia como pratica os ma
esportes, sendo, por isso mesmo, um dos mais completos atletas
lação cinematográfica. Douglas acha que todo homem deve p
pouco de esporte, a fim de conservar um bom físico, e preservar a s
fotos, vemo-lo treinando «box» (lembram-se de «O invencível»?) e ji-
de fazer ginástica das mais difíceis. E se pensam que tudo isso é sim
para publicidade — que mexam com a senhora dêle, amigos...



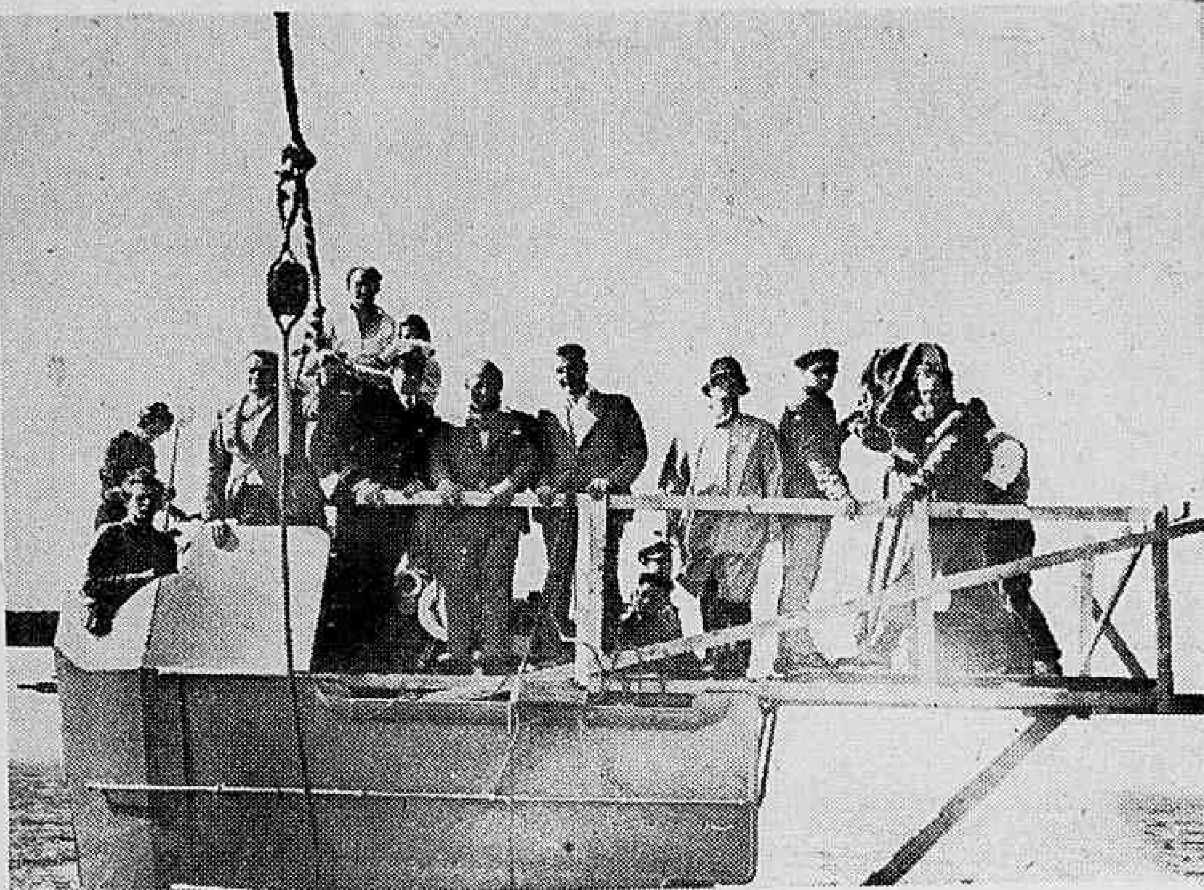






ca os mais variados
s atletas da conste-
deve praticar um
ervar a saúde. Nas
»?) e ji-jitsu, além
so é simples «pose»
...

KIRK DOUGLAS,
UM ATLETA PERFEITO



Para maior realismo de algumas cenas de «Heróis do Mar» foi construida esta plataforma de madeira sôbre o convés do submarino «Tiptoe».



Nos intervalos de filmagem das cenas de «Take care of my bitte girl» para a Fox, foi tomado êste flagrante em que vemos Jean Peters, Jean Negulesco e a autora da história Peggy Goodin.

Flashes Mundiais

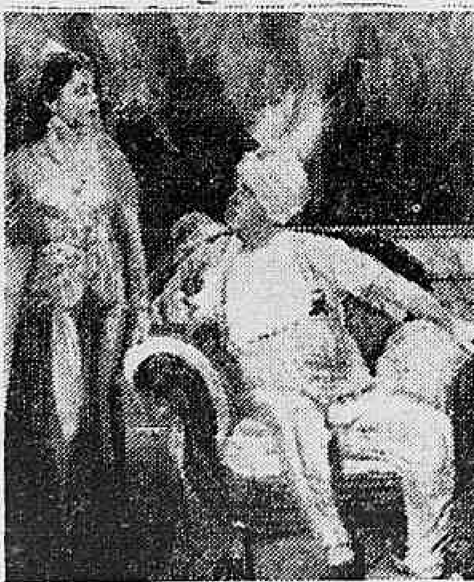
ESTADOS UNIDOS



Gregory Peck em «David e bethsabee»

"DAVID E BETHSABEE", uma nova pelicula inspirada em episódios biblicos, dirigida por Henri King, reúne em seu elenco, além de inúmeros extras, os nomes de Gregory Peck e Susan Hayward, nos papéis-titulos. Em recente enquête organizada pela imprensa de Hollywood, Gregory foi considerado como *"o mais popular astro do mundo"*. Aqui o vemos com o troféu que recebeu pelo titulo que lhe foi conferido. ★ "Valentino" é o titulo da pelicula recém-terminada por Hollywood, que retrata a vida do sempre lembrado amante das telas. Anthony Dexter desempenha o papel-titulo desta pelicula. ★ "Na Sombra do Crime" proporciona as mais estranhas emoções jamais apresentadas no cinema e na vida real. Um idilio romântico emaranhado de crimes e intrigas. No filme estão Scott Brady e Alexis Smith, que demonstra o quanto pode uma mulher linda e apaixonada, cheia de ilusões. ★ WALD E KRASNA ADQUIRIRAM "CLASH BY NIGHT" PARA A R.K.O. — Os direitos cinematográficos de "Clash by Night", peça de Clifford Odets, em que Tallulah Bankhead conseguiu tanto sucesso na Broadway, em 1941, foram adquiridos por Jerry Wald e Norman Krasna, para sua produção dêste ano. Trata-se de um drama poderoso, em que Miss Bankhead teve um dos maiores triunfos da sua carreira, e os produtores querem dar o principal papel feminino a uma artista de renome. Robert Ryan vai ter o principal papel masculino nesta importante produção. Robert Ryan, aliás, tomou parte na representação da peça, mas num papel secundário, mas foi graças à sua interpretação na peça que êle conseguiu um contrato com a RKO-Radio. ★ "HARRIET PARSONS", PRODUTORA DE "STRIk A MATCH" — Jerry Wald e Norman Krasna acabam de adquirir os direitos de filmagem de uma peça teatral ainda inédita: "Strike a Match", original de Robert Smith. Ao mesmo tempo, contrataram Mark Robson para dirigir a fita, e Harriet Parsons para produzi-la. Robert Smith vai dar começo aos cenários cinematográficos "Strike a Match" é a história de um amor grã-fino, e terá como protagonistas principais dois grandes nomes de Hollywood. Assim, Mark Robson, que trabalha para Samuel Goldwyn, volta aos estúdios da RKO, onde foi um dos principais compiladores de filme, passando à categoria de diretor. Em dois anos, Mark dirigiu filmes de grande sucesso, como "Champion", "My Foolish Heart", e "Edge of Doom". Acaba de dirigir "Lights Out", para a Universal. Harriet tem a seu crédito "Never a dull moment" e "I Remember Mama", outros dois grandes sucessos da tela. ★ ASTROS E "HOBBYS" — Os astros, como todo mundo, têm também as suas manias. Thereza Wright, por exemplo, coleciona bonecas desde menina, possuindo uma vasta e bela coleção de bonecas de todo o mundo. A propósito de Thereza, é ela a estrêla de "Something to Live For", para a Paramount. ★ MIRIAN HOPKINS DE VOLTA — Marian Hopkins, a talentosa estrêla há muito afastada das câmaras, vem ai de volta, com Gene Tierney e John Lund em uma comédia da Paramount, intitulada "O 4º Mandamento". ★ O "OSCAR" JAPONÊS — William Wyler, o realizador de "Carrie", com Jannifer Jones e Laurence Olivier, foi premiado com o "Kyushu" (Oscar Japonês), como o melhor produtor-diretor de 1950. ★ DE COADJUVANTE A ESTRÊLA — Nancy Olson, a memorável coadjuvante de "Crepúsculo dos Deuses", que trouxe de volta Gloria Swanson, foi imediatamente elevada à categoria de estrêla em "Rastro Sangrento", da Paramount, ao lado de William Holden, seu companheiro no filme anterior.

DIVERSOS



Sonja Zieman e Kurt Seifert em «O marajá sem sorte»

★ «LOPPO DE LA SILA» nos trás de volta Silvana Mangano, neste filme, uma estranha história de amor e sangue que desenrola-se nas admiráveis regiões da Calábria, onde a gente selvagem e agressiva é bem uma imagem das terras que habitam. ★ CINEMA NA ALEMANHA — Reiniciando febrilmente as suas atividades cinematográficas, após prolongada interrupção, a Alemanha prepara para breve lançamento, várias peliculas que por certo muito agradarão, dado os avanços técnicos, que apezar dos contratempos tem feito o cinema alemão. Dramas, comédias, musicais, enfim, os mais variados estilos constituem o programa da próxima produção germânica. «O marajá sem sorte» (título provisório) é uma deliciosa e divertida comédia, com Sonja Zieman e Kurt Seifert, que vemos no clichê ao lado. ★ PRODUÇÕES ARGENTINAS. — Uma orquestra de setenta professores foi contratada para acompanhar o cantor Alberto Castillo, intérprete principal de «Buenos Ayres Mi Tierra Querida», que apresenta várias e sugestivas canções como: «Bajo los puentes de Paris», «Floridor», «Canchero», «Pátria» e outras. ANGEL MAGAÑA, é a estrêla de «No abras nunca esta porta», que vem de ser dirigida por Carlos Hugo Christensen, incluindo também o nome de Nicolás Fregues.

FRANÇA

ANDRÉ HUNEBELLE — Êste conhecido produtor e «metteus-en-scene» do cinema francês, que já nos deu entre outros, os filmes «Leçon de conduite», «Millionaire d'un jour», «Mefiez-vou des Blondes» e «Mission a Tanger», vem de iniciar a rodagem de sua mais recente produção «Ma femme est formidable»; um filme optimista, são e alegre, que tem como intérpretes principais Sophie DESMARETS e Jacques DYNAM. ★ Arlete MERRY é uma infernal morena francesa, nascida em Paris, que depois de ter trabalhado como manicura, modista e datilógrafa, casou-se com um compositor, vindo a tornar-se conhecida como cantora de «night-clubs», daí para o cinema foi um pulo. Depois de divorciar-se Arlette, começou a aparecer em numerosas películas francesas, considerando porém ela mesmo, como mais importante, o seu papel em «La Ferme du Pendu». Recentemente, Arlette terminou o seu mais recente trabalho; trata-se do filme «Ils étaient cing».

★

INGLATERRA



Bette Davis, a estrêla de «Another Man's Poison»

★ BETTE DAVIES NA INGLATERRA — Bette Davies está de visita à Inglaterra, para desempenhar o papel de uma escritora americana em «Anothe Man's Poison», película que será rodada nos Estúdios Dettlefold. Seu marido, Gary Merril, contracenará, e Anthony Steel tem também papel importante. E' uma produção independente do major Daniel Angel. ★ HUSTO-BOGART-HEPBURN — John Huston, um dos maiores diretores de Hollywood, fará uma versão cinematográfica da novela «African Queen», de C. S. Forester, para a companhia britânica independente Romulus Films, responsável por «Pandora and the Flying Dutchman». Humphrey Bogart e Katherine Hepburn têm os papéis principais. ★ A MODA EM LONDRES — O elegante guarda-roupa que exibe May Zetterling, a intérprete da Anunziata de «O Preço de uma vida» que há pouco vimos, causou inveja e admiração as outras estrêlas que aparecem em «A Elegante Arlette», título provisório de uma nova película de J. Arthur Rank, distribuida pela U.I. Entre os modelos apresentados no citado filme, destaca-se particularmente, pela sua elegância aquêle usado por May na cena que representa a chegada das novas colegiais ao curso. E' um traje de gabardine de um cinza azulado, com a saia lisa apresentando apenas largas pregas dos lados. A jaqueta em forma de blusa é ampla e com mangas três quartos, com largos punhos. ★ CAÇADOR DE AUTÓGRAFOS. — Richard Attenborough, protagonista de «Boys in Brown» de J. Arthur Rank, para a U.I. não deixou seus colegas de filmagens descançarem um só instante nos intervalos das mesmas, pois fazendo parte de várias sociedades de caridade, Attenborough coleta fundos vendeno fotografias autografadas, inclusive de Jack Warner, Dirk Bogarde, Junny Hanley que atuam também em «Boys in Brown».

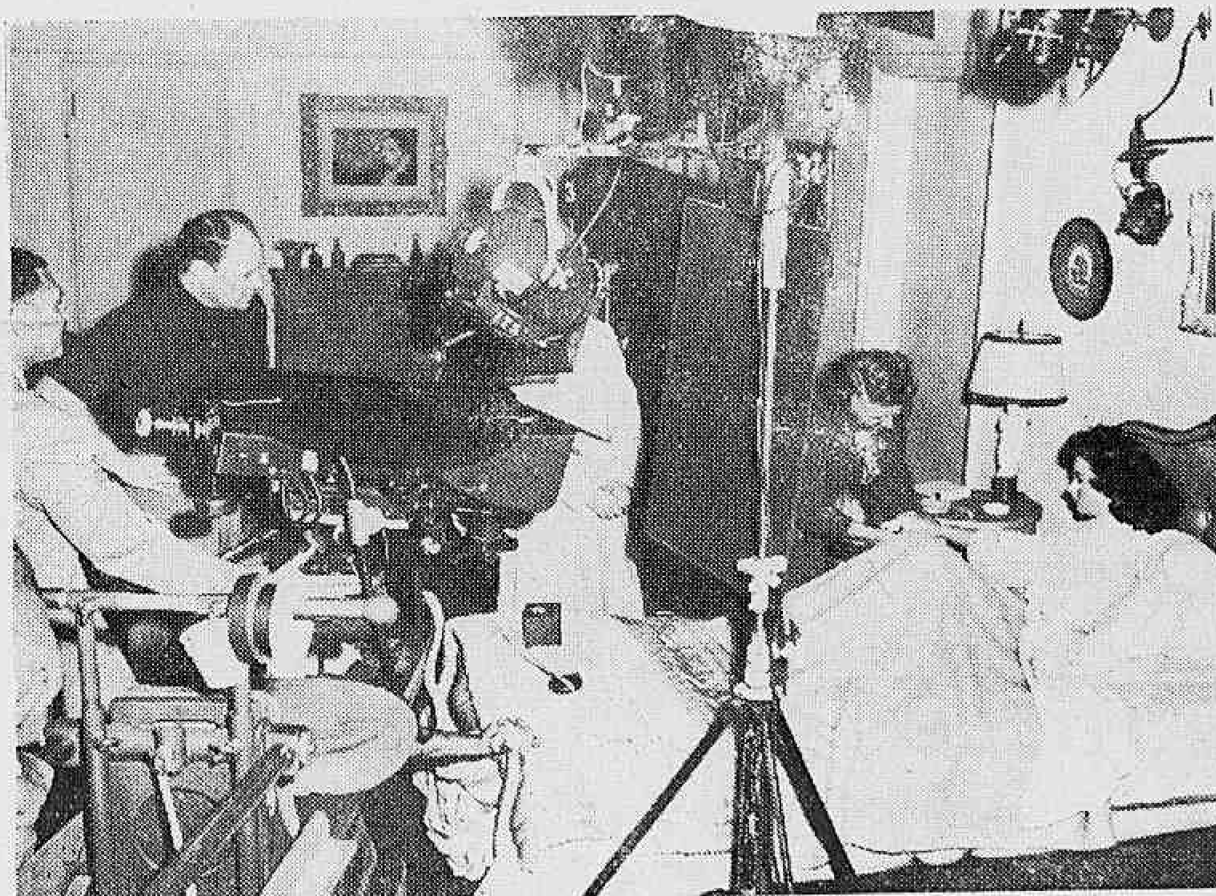
PROJETOR-MINIATURA SONORO

O "Sofil Minor", que não é maior nem mais pesado do que uma máquina de escrever portátil, é um projetor-miniatura de filme de 16 milimetros, destinado a exibições perante pequenos grupos de pessoas. Todo o equipamento — projetor, amplificador, transformador, altofalante e ligações — cabe numa só caixa, pesando menos de doze quilos.

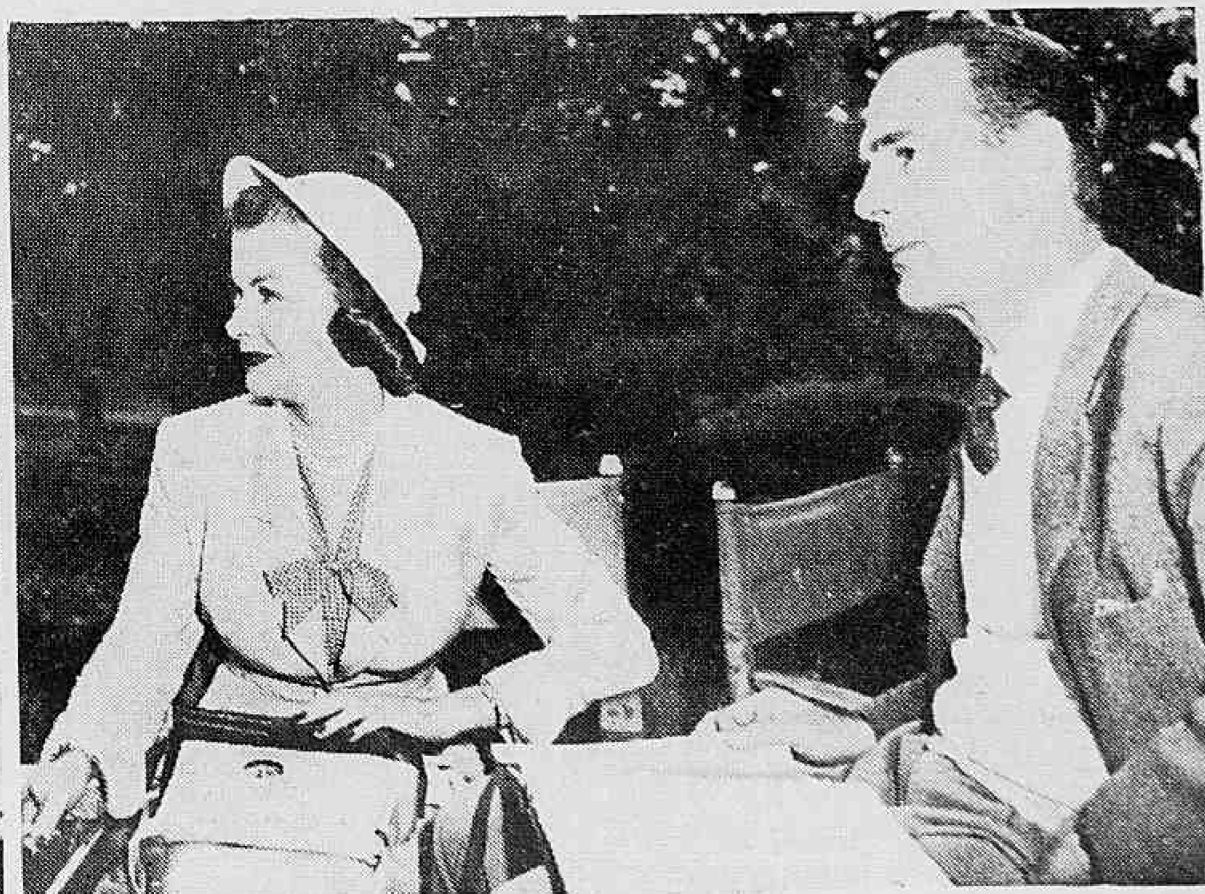
Esta máquina é resultado de cinco anos de trabalhos e aperfeiçoamentos por uma firma britânica. Vem particularmente ao encontro do desejo manifestado por parte das autoridades educativas, de um projetor que possa sem dificuldade ser transportado pelas professôras; e por parte de emprêsas comerciais, que gostariam de equipar os seus vendedores com um aparelho, simples e prático para utilizar em cima de uma secretária. No campo do comércio vendedor, oferece novas possibilidades e vem inspirar novas técnicas, visto habilitar uma firma a apresentar os seus produtos a um cliente provável, sem êste ter de levantar-se da secretária.

Simplificaram-se ao máximo o desenho e a construção e empregaram-se livremente ligas leves e material elétrico em miniatura. Entre caracteristicas exclusivas contam-se uma lâmpada única, muito barata; uma roda de doze dentes para o correr fácil da pelicula; e uma "cancela" do filme que se desloca completamente da sua posição, o que é muito útil para fins de limpeza de certas peças do aparelho. Não obstante o seu baixo preço de venda, o "Sofil Minor" é construido segundo especificações rigorosas; que compreendem uma lente Dellmeyer F/1.6 e um altofalante Goodman de seis polegadas (15,24 centimetros). Para quem pretenda um volume de som superior e alta fidelidade de reprodução, existe um modêlo de luxo, de duas caixas, que incorpora um altofalante de nove polegadas (22,86 centimetros). Mesmo assim, o pêso total não chega a aumentar um quilo.

Embora o "Sofil Minor" só esteja em produção há seis meses, é grande o interêsse por êle despertado. Os compradores do estrangeiro terão oportunidade de ver a nova máquina em funcionamento na próxima Feira das Indústrias Britânicas, em Earls Court e Olympia, Londres, e Castle Bromwich, Birmingham.



Susan Hayward após haver terminado seus trabalhos ao lado de Gregory Peck em «David e Bethsheeba» iniciou logo a filmagem de «I can get it for you whordesale» para a T.C. Fox.



No set de «The man who sank the navy» Joan Bennett palestra com o diretor de diálogos, Antrony Jowitt. «The man who sank the navy» é uma nova produção que será apresentada pela T.C. Fox.

CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

VEJA NO PRÓXIMO NÚMERO AS PRIMEIRAS FOTOS DOS PRIMEIROS CANDIDATOS!

Começam a chegar as primeiras cartas acompanhadas das respectivas fotos, atendendo ao impulso íntimo e à vontade de candidatar-se ao cinema brasileiro, oportunidade que A CENA está oferecendo aos seus milhares de leitores. Particularmente, queremos agradecer as referências que nos têm feito em relação a mais esta iniciativa desta revista, que vem recebendo a merecida acolhida que esperávamos. E mais uma vez, repetimos o formulário abaixo para os que ainda não se tomaram de coragem que se disponham a fazê-lo agora, enviando as fotos, das quais — quem sabe? — poderá surgir algum contrato. Sem compromisso, claro.

★

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a:

"Candidate-se ao Cinema Brasileiro"
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro.

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

....

Experiência artística ....

....

Toca algum instrumento? ....

....

Observações (a critério do candidato) ..

....

COUPON

Assinatura ....

....

Endereço ....

....

Telefone ....

Cidade ....

Importante: — Juntar uma (ou mais fotos) do tamanho ou pose que achar conveniente, mas que possam dar boa reprodução. As cartas que não vierem acompanhadas dos "coupons" e das fotografias, não serão tomadas em consideração.

DESTINO ÀS NUVENS

(Cont. da pág. 11)

— Ouviu alguma coisa a respeito do Comandante Talbot.

Mesmo o som de seu nome a magoava.

— Não... ainda não. Estive em contato com o dr. Gates durante todo êste tempo. Ainda não descobriram nenhuma razão para que não possa caminhar sem apoio. Contudo, êle não pode... A única coisa que um homem pode fazer numa situação dessas é deixar as coisas passadas de lado e continuar com o seu trabalho. Mas como convencê-lo?

— Os projéteis lançados de submarinos serão o ponto mais importante das manobras da próxima semana. Se nós conseguíssemos persuadi-lo em tomar parte... — hesitou o almirante. — Quando desci para San Diego, pensei que poderia falar com êle no hospital. Tentei fazê-lo compreender que a Marinha tem necessidade dêle, mas Talbot não quer voltar. Não sòmente precisa voltar para a marinha, mas também para a vida.

Karin compreendia o que êle queria dizer. Os seus olhos se enchèram de lágrimas.

— Você quer ir a San Diego comigo, Karin? — a voz de Scott era bondosa. — Talvez falando com êle...

— Não creio que possa fazer coisa alguma — respondeu Karin.

— Você também compreende que êle precisa da Marinha.

Scott a olhou, com uma expressão de dor estampada em seu rosto.

— Creio que Talbot está mais doente do que supus... mas não quero crer isso. Você quer experimentar?

★

Karin o encontrou, com a bengala ao lado, num dos bancos do Parque de Balboa. Os seus olhos insuflados de amargura e infelicidade. Tinha o olhar fixado num lago onde pequenos peixes nadavam calmamente. Quando se apercebeu de sua presença, tornou-se rígido.

— Alô, Bill — disse ela, sorrindo quase sem jeito.

— Que a trouxe aqui? — redarguiu êle, friamente.

Karin tentou fingir-se despreocupada.

— Um negócio. Por que você não respondeu minhas cartas, Bill?

— Talvez porque eu estivesse muito ocupado. Quanto menos se faz mais tempo toma.

— Quem sabe se já não é tempo de você "deixar de não fazer nada"? — ela murmurou tranqüilamente. — O Almirante tem um serviço para você. Acaso lhe chegou aos ouvidos alguma coisa concernente às manobras da frota?

— Não podia deixar de ouvir — admitiu Bill sêcamente.

— O Almirante Scott foi encarregado de todos os submarinos equipados com lançadores. Êle escolheu o "Barbatana Azul" para capitânea. E quer que você esteja nêle quando os exercícios forem realizados.

Sombriamente, Bill se afastou dela, murmurando:

— Êle está um pouco atrasado, Karin — os seus olhos evitaram o olhar da moça. — A Marinha vai colocar-me no "pasto" no próximo mês.

A profundidade de sua auto-piedade melancólica deixou-a com receio. Também começou a zangá-la.

— Quer dizer que você vai ficar sentado aí sem tentar fazer coisa alguma? — insistiu Karin.

— Que posso fazer, afinal? Comandar um submarino com isso? — êle raivosamente bateu em seu aparelho ortopédico. — Deve-se saber quando dar-se por vencido.

— Eu conheci um homem que nunca admitia a derrota.

— Se eu tivesse admitido o fracasso quando necessário, agora não estaria aqui.

— E Fuss ainda estaria vivo? — indagou ela, num feroz murmúrio, usando de tôda a fôrça de sua personalidade. — Não é isso?

O rosto de Bill se retorceu.

— Desde que estou aqui já fui vítima de tôda essa conversa que os médicos têm. De quem partiu a brilhante idéia de usá-la como última tentativa? Até onde você estava pronta a ir sòmente para provar...

Karin desferiu-lhe um violento golpe no rosto. Êle a mirou chocado, enquanto ela começava a falar de seu desespêro.

— Eu estava decidida a ir até qualquer ponto, apenas porque o amava. Mas sabia que você não compreenderia isso. O seu egoísmo é muito grande para você compreender o que significa amar. Mas Fuss compreendeu. À sua própria maneira, Fuss também o estimava. Morreu porque tinha confiança em você. Que pensaria êle agora? Renunciando, fugindo... A sua morte foi uma coisa. Mas é outra muito diferente o desprêzo que você está dando àquilo que deu um pouquinho de significado à sua morte!

Mas Bill a olhou amargamente.

— Por favor, deixe-me em paz.

★

Ela estava novamente no hotel, arrumando as suas malas, quando o telefone tilintou. Era uma telefonema do Almirante Scott. A noite parecia forçar a janela do quarto, escura e negra, enquanto ela escutava o que lhe dizia o Almirante.

— Mas êle não disse coisíssima alguma ao pessoal do hospital? — indagou ela, finalmente, após um curto silêncio. Êle deve ter dito a alguém para onde pretendia ir... — calou-se ao compreender o motivo da fuga de Bill. — Estarei aí num minuto — murmurou Karin.

Êles haviam alugado um pequeno escritório para o Almirante durante o período de exercícios. Foi ali que êle e Karin esperaram a noite inteira... mas não chegou um só relatório sôbre o paradeiro de Bill. A manhã chegou, escura e fria. De ora em quando o telefone tocava. Mas todos os relatórios eram iguais: "Não encontrei pistas do Comandante Talbot".

— Se não conseguirmos nenhuma notícia — de pedir o auxílio da polícia.
externou Scott, com o cansaço na voz — teremos de pedir o auxílio da polícia.

— Por que tive de dizer aquelas coisas? murmurou Karin.

— Você deve dormir um pouco — disse o Almirante, embora êle mesmo parecesse cansado.

— Sòmente depois que êle fôr encontrado.

O tilintar insistente do telefone quebrou o silêncio da pequena sala. Karin ouviu, nervosa e curiosa, as respostas de Scott. Desta vez ela meneou a cabeça, afirmativamente, então, desligou.

— Êle está na base. O sentinela do portão disse que êle se dirigiu ao "Barbatana Azul" — nada mais era necessário. Os dois já corriam para a porta.

O perfil do "Barbatana Azul" se erguia imponente, tendo como fundo um céu escuro, quando o carro parou repentinamente no centro da base. Ao longe, no cais, a figura de um homem curvado caminha lenta e dolorosamente em direção ao navio. Era Bill. Bill com a sua bengala e os seus pesados aparelhos ortopédicos, agora estava com o rosto retorcido e os olhos fixados em seu navio.

Parecia estudá-lo. Vagarosa e talvez receosamente pôs a mão no primeiro degrau da escada. Repentinamente, êle jogou a sua bengala à distância e começou a descer a escada. O aparelhos ortopédicos não lhe davam liberdade de mover as pernas. Pequenas gôtas de suor surgiram em seu rosto. Quando já se encontrava no meio da descida perdeu o equilíbrio e caiu, segurando novamente a escada já quase ao chegar ao chão.

O seu rosto era u'a máscara de dor. Então, com um gesto violento, retirou o aparelho que lhe prendia uma perna e em seguida o outro. Bill conseguiu vencer a sua batalha. Depois de lutar por um período que lhe pareceu uma verdadeira eternidade logrou descer a escada do submarino.

★

O Comandante Talbot se evidenciou durante as manobras da esquadra. O Almirante, a bordo do "Barbatana Azul", um pouquinho atrás, tinha-se explicado as manobras. O alvo era um



FESTIVAL DA BAHIA — Patrocinado pela Secretaria de Difusão Cultural e organizado pelo Clube de Cinema da Bahia, realizou-se na Cidade do Salvador, de 28 de abril a 6 de maio corrente, o 1º Festival de Cinema da Bahia, com projeções diurnas de filmes de longa e curta metragem. Vários países fizeram representar com dramas de ficção, documentários, desenhos, filmes experimentais e de bonecos animados, reportagens e filmes poéticos. O flagrante acima é da sessão inaugural, vendo-se, entre outros, o governador do Estado, sr. Régis Pacheco, o prefeito de Salvador, o secretário de Difusão Cultural, os doutores Coqueijo Costa e Walter Silveira, do clube de cinema local e os convidados especiais do Rio e São Paulo, cineasta Alberto Cavalcanti, cônsul Vinicius de Morais e críticos Luís Alípio de Barros, Alex Viany e Salvyano Cavalcanti de Paiva (êste último representando a A CENA MUDA).

DESTINO ÀS NUVENS

cargueiro, protegido por "destroyers". Um primeiro grupo de submarinos deveria aproximar-se dos "destroyers" para um ataque de torpedos. O "Barbatana Azul" ficaria um pouco longe para lançar um projétil dirigido, logo que o radar conseguisse localizar o cargueiro.

Os exercicios continuaram. Os submarinos avançados notificaram que não conseguiam penetrar na tela do "destroyer". O cargueiro enviara uma patrulha aérea e se o "Barbatana Azul" fôsse encontrado na superficie, conduzindo projéteis em seu convés, seria bombardeado. Se isso acontecesse...

O Almirante estava pensativo. Mas os olhos de Bill brilhavam de contentamento.

— Temos de fazer fogo agora. Sei que ainda não temos contato, mas penso que sei como acertar no alvo.

— Então, vamos tentar — o entusiasmo de Bill era contagiante.

Os submarinos avançados anunciaram:

— Já estamos em contato com o cargueiro através do radar! Se fizermos fogo contra êle teremos resposta certa!

O Almirante achou que era aquêle o momento propicio:

— Agora, Talbot.

Karin estava esperando no cais quando o "Barbatana Azul" regressou. Já sabia que Bill conseguira atingir o cargueiro. Todo o mundo sabia disso na base. Todos os almirantes estavam contentes com o sucesso das manobras. Os submarinos avançados haviam fugido e durante a corrida haviam redirigido os seus projéteis e alcançado o "destroyer".

— Talbot é o oficial mais persistente que jamais tive — anunciou o Almirante Bradley, enquanto o "Barbatana Azul" encostava no cais. — No momento em que se decidiu a fazer uma coisa para a marinha conseguiu o seu intento!

— O que êle está procurando agora, — retorquiu sêcamente o Almirante Scott — nem mesmo o Secretário da Defesa lhe poderá dar.

Os superiores de Bill sorriram contentes, virando-se para o olhar correr para os braços de Karin e segurá-la por um momento antes de caminharem juntos para uma nova vida... para um futuro onde os homens precisam lutar por aquilo que acreditam.

(*Tradução e adaptação de Antônio Rocha*)

ANTOLOGIA . .

(Cont. da pág. 14)

Fêz criticas, reportagens e crônicas n'A CENA MUDA, "Campeão" e "Panfleto": atualmente colabora em A CENA MUDA e dirige a seção de cinema da revista "Cartaz do Rádio".

Sócio-fundador da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e seu primeiro publicista Nunca mais foi eleito para cargo algum e considera-se inelegivel mesmo: não tem espírito gregário. Sócio-fundador e um dos diretores do Circulo de Estudos Cinematográficos. Adepto e amigo do cine-clubismo.

Não tem preconceito de raça e tem pena dos racistas, uma grande pena mesmo...

De familia católica tradicional, é hoje felizmente materialista — dialético e inimigo militante de quaisquer religiões ou superstições, especialmeite da igreja católica papista.

Não sabe andar de bicicleta, nem patinar...

Vai à praia aos domingos. Gosta de ouvir Al Jolson.

Fuma e bebe: mas não faz disso vicio. Nunca joga nem aposta em qualquer coisa.

Aprecia, de longe, futebol e boxe. Se tivesse fisico, seria "boxeur"...

Côr preferida: o verde (mas não politicamente).

Pratos que aprecia: churrasco gerimu com leite, coalhada, rapadura, queijo do Seridó, as diversas modalidades de comidas em que entra o milho e o trigo e as cozinhas italiana, árabe e baiana.

Não come nem à fôrça: bertalha, espinafre (adeus, Popeye!), giló ou espargos.

Descende de grandes-burgueses apequenados: a nobreza açucareira da várzea pernambucana unida aos pioneiros do sertão do Nordeste das sêcas (Cavalcanti (com i) de Albuquerque ligados aos Monteiro e Faria, mais os Paiva Pereira e Oliveira), mas, definitivamente, pensa, age e sempre viveu mais como proletário do

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Masas de Música de São Paulo.

que como pequeno-burguês e odeia a burguesia, que considera podre!

Gênero de filmes preferido: — *gangsters* e musicais.

Gostaria de dormir e acordar cedo, mas nunca o faz.

Figuras da humanidade que admira: todos os grandes inventores (menos os de engenhos destrutivos) e mais: Camisão, Marcílio Dias, Frei Caneca, Tiradentes, Lincoln, Franklin D. Roosevelt, Vladimir Ilitch Ulianov, Josef Vissarionovitch, e todos os lutadores sociais conseqüentes. Adora o tempo sêco e frio.

Não suporta gente mexeriqueira.

Conhece Recife, Salvador, Niterói, Petrópolis e Juiz-de-Fora.

Não topa álgebra mas é um apaixonado da geometria.

Reside em Copacabana.

Passatempo favorito em casa: revolver o seu arquivo de cinema.

Não gosta de: rifas, emprestar dinheiro, discussões estéreis.

Tem uma misteriosa atração pelos gatos.

E' solteiro.

Despreza: policiais de qualquer natureza (fardados ou civis, delatores, espancadores, inquisidores, oficiais ou particulares).

Considera abjetos os tipos covardes que se valem da fôrça ou da proteção de outrém para resolver questões pessoais, e nojenta a subespécie de indivíduos rastejantes (puxa-sacos, besteirinhas, delatores, conformistas, fura-greves, aproveitadores de organizações de oprimidos, etc., etc.).

Gosta de método e organização: tem uma discoteca, uma biblioteca e uma cineteca com catalogação.

Quando gosta de alguém é muito sincero e franco; quando odeia é para tôda a vida! Os seus inimigos devem tomar cuidado: é vingativo e espera desforrar-se na primeira oportunidade favorável. Sabe ser paciente e alimentar a chama do ódio com prazer. Lê e fala: português, inglês e espanhol. Lê e traduz ainda francês e italiano. Escreve à máquina mais do que à mão.

Não gosta de dever ou creditar.

Tem um ódio sagrado ao regime social da rapinagem do grande

(Cont. na pág. 30)

PAIXÃO DE. . .

(Cont. da pág. 16)

ciona pagar pela tragédia que êle implantara. Algum tempo depois, na mesma arena, êle enfrenta um touro sòzinho, numa exibição em benefício de Chelo.

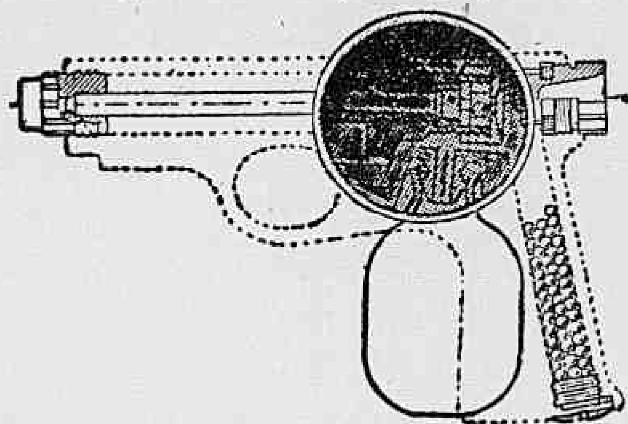
As arquibancadas ficam superlotadas, todos vêm vê-lo morrer, saboreando a idéia de apreciar o seu sangue escorrendo na areia. Ao contrário disso, entretanto, o povo permanece até o final da luta para ovacioná-lo em delirio quando Chuck, tendo ao seu lado o espirito de Manolo, toma conta do touro de uma maneira brilhante com a perícia de um grande toureiro. Êle paga então, durante a cerimônia final, um tributo merecido à memória do célebre Manolo e, desta forma, dá provas de ser um homem de dignidade, coragem e sinceridade.

Anita reconhece finalmente chuck como o homem que êle de fato é e o perdoa por haver duvidado do seu amor...

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMATIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....
Endereço ....
Cidade .... Estado ....



Ludovic Minchella, que pretende realizar o primeiro filme colorido em nosso país.

FILME BRASILEIRO COLORIDO

LUDOVIC MINCHELLA, técnico e realizador de filmes, levará à cena o primeiro grande filme colorido brasileiro.

Ludovic Minchella bem como a maior parte dos realizadores conhecidos taís como: William WILER, FEIDER e Maurice CLOCHE, etc., saiu da escola do documentário.

Obteve em 1929 o primeiro Grande Prêmio Internacional do documentário, como «Forte dei Marmi», um filme que revelou ao mundo, o encanto das «revieras» italianas e o extraordinário desfrutamento dos mármores de Carrara. Realizou também diversos documentários na Suiça, principalmente sôbre os Jogos Olimpicos, que suscitaram grante interêsse.

Uma estada na Alemanha, com os famosos realizadores Fritz LANG e DRUCKE, permitiram-lhe completar seus altos conhecimentos técnicos, no momento em que a arte cinematográfica conseguia um lugar preponderante no mundo.

Foi um dos inovadores e criadores da Ciência das Luzes na cinematografia, que devia, mais tarde, ser tratada em larga escala pelo cinema americano.

Realizou «Blumelein 37», filme onde o amor se une à espionagem, com a famosa estrêla húngara Irène de ZILAHY — «Melodie ao Crépuscule», com a «vamp» de olhos verdes: Gina MANES, e «Dame Blanche» com a jovem Herminie Sinclair.

Suas adaptações cinematográficas são numerosas em todos os países, citamos, entre outras: «La passagere du Jersey» e «La Melodia del Sole», drama musical, feito em colaboração do próprio poeta italiano G. D'ANNUNZIO.

Ludovic MINCHELLA é membro do Instituto de Altas Ciências Cinematográficas de Paris, instituido pelo govêrno.

Tem grande e viva simpatia pelo Brasil, pelo qual tem verdadeira predileção e pretende aqui realizar diversos filmes coloridos, com a estrita colaboração de altas personalidades francesas, italianas e belgas, cujo concurso será total, tais como: Mrs. Frogerais, Presidente da Confederação Nacional do Cinema Francês; Mr. Dekeuleire, industrial do colorado em Bruxelas, e Mr. Malenotti e Mr. Monaco, do cinema italiano.

Ludovic Minchella se propõe, em seguida, a um projeto de filme sôbre os 21 Estados e territórios do Brasil, pelo qual está vivamente apaixonado, permitindo assim levar ao conhecimento do mundo inteiro, todos os valores e as riquezas dêste imenso império, tão atraente e ainda tão pouco conhecido na Europa.



HERMINE SINCLAIR

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
À venda nas boas Farmácias

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro nome e endereço certos

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



O QUE VAI PELA BROADWAY

Por JACKSON FLORES

NEW YORK — Quer parecer-me que os artistas franceses estão novamente em grande demanda nos Estados Unidos. Aliás, aqui sempre houve grande simpatia por tudo que diz respeito à França e nada mais natural, portanto, que os letreiros luminosos da Broadway, estejam novamente iluminados por nomes franceses.

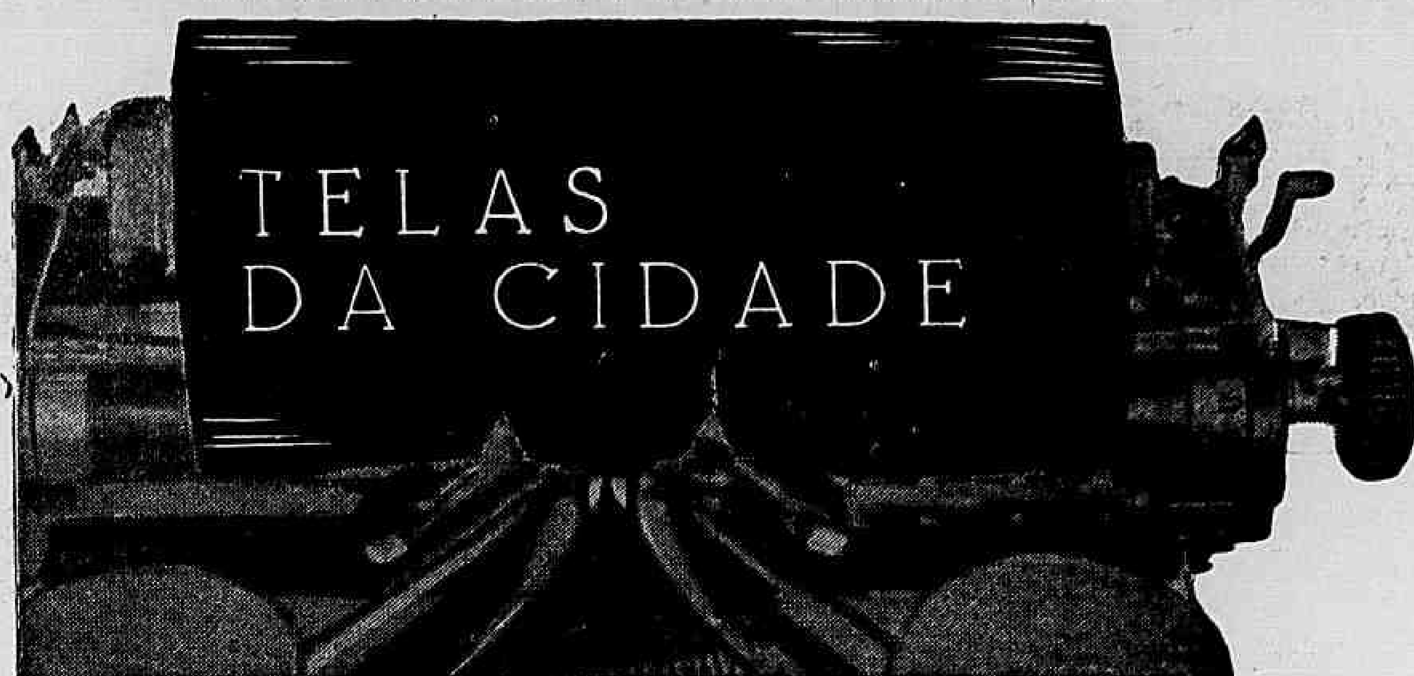
★ *Monte Proser, que é um grande empresário e grande consumidor de "scotch and soda", inaugurou na semana passada o novíssimo night-club "La Vie en Rose" e para êsse fim importou a cantora francesa Marjane, nome, até então, inteiramente desconhecido nos Estados Unidos. Marjane está obtendo grande sucesso com as suas canções brejeiras e o "La Vie en Rose" já entrou para a lista dos bons clubes noturnos de New York.*

★ *O "Versailles", que tem tido temporadas espetaculares com Edith Piaff, está apresentando, atualmente, a nossa conhecida Lucienne Boyer. Lucienne está um pouco mais gorda e envelhecida, mas é a mesma grande e deliciosa "chanteuse", que o Rio conheceu há alguns anos passados.*

★ *No "Persian Room", do Hotel Plaza, cantando algumas canções novas e outras veteranas do Atlântico e da Urca, está Jean Sablon, que nunca deixa de incluir entre os seus números, músicas brasileiras que êle canta naquele português meio estropiado, mas que não deixa de ser um atestado da sua simpatia pelo nosso país.*

★ *Dos nomes franceses atualmente encabeçando os shows de night-clubs em New York, o que maiores comentários tem despertado é o de Mistinguett. Confesso que fazia idéia de ter essa veneranda senhora já se aposentado, pois, segundo fontes bem informadas, Mistinguett está com 81 anos de idade. O fato, porém, é que essa famosa bailarina francesa que, em certa ocasião, teve as suas sensacionais pernas seguradas em um milhão de dólares, estreou na semana passada no "La Martinique", com a mesma agilidade e entusiasmo de uma jovem de vinte anos. Além de dançar e contar algumas piadas maliociosas, Mistinguett apareceu decorada com jóias no valor de meio milhão de dólares, o que arrancou exclamações e suspiros do público feminino que se comprimia no "La Martinique". Sôbre as pernas? Bem, de onde eu estava assistindo o show, tive a impressão de que aquêle par de gambitos ainda está em grande forma...*

★ *Tivemos aqui na Broadway a estréia de "Valentino", no cinema Astor. Precedida de forte e estrondosa publicidade, essa película, que conta a vida de Rudolph Valentino desde os dias amargos como lavador de pratos num restaurante da Broadway, aos três anos de glória em Hollywood, deverá se constituir em ótimo negócio para as bilheterias, por fôrça da grande atração que o nome de Valentino ainda exerce sôbre o público. Encabeçando o elenco dessa produção de Edward Small, distribuída pela Columbia Pictures, está Eleanor Parker, por quem Valentino (Anthony Dexter) se apaixona perdidamente, o que não recrimino, especialmente em tecnicolor. Eleanor que, além de bonita tem a seu crédito algumas boas interpretações, não desaponta os seus fãs e o que consegue sem esfôrço. Richard Carlson, um ator discreto e que faz parte dos "tipos" que perdem a garôta com um sorriso, interpreta no filme o papel de um diretor cinematográfico, desempenhando-se a contento da sua missão. Anthony Dexter, o novato que Edward Small descobriu num teatro da Broadway, vive a figura de Rudolph Valentino, o que faz convincentemente. Dexter não é só extremamente parecido com Valentino, como dança, fuma, beija e luta como o falecido astro do cinema silencioso. Apesar de ainda necessitar de maior experiência, não se pode negar que Dexter, além de parecer-se com Rudolph Valentino, possui talento suficiente para vencer no cinema. Os homens, provàvelmente, não se interessarão muito por "Valentino" que, seguramente, terá favorável acolhida por parte do público feminino.*



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

RADIOMANIA

(*The Jackpot — Fox*)

O argumento desta película braça o mesmo objetivo de "Champagne para César", que vimos há pouco: satirizar os programas de rádio que distribuem prêmios. Enquanto em "Champagne" damos boas gargalhadas com o "homem enciclopédia", que, de semana a semana, acumula os prêmios recebidos, até tornar-se quase dono da emissora, em "Radiomania", Bill Lawrence recebe 24.000 dólares em prêmios (não em dinheiro), mas é obrigado a pagar 7.000 de Impôsto sôbre a renda. As peripécias que faz para arranjar tal dinheiro, vendo-se na contingência de vender os objetos recebidos, dentro da própria loja em que trabalha, nos proporcionam momentos realmente hilariantes. Verdade, se a cenarização fôsse mais inteligente, teríamos, sem dúvida, um grande filme. Contudo, Walter Lang nos dá uma direção segura e, até certo ponto, eficiente, graças também à interpretação (embora standard) de James Stewart. No elenco estão ainda Barbara Hale, James Gleason, Fred Clark, Alan Mowbray (magnífico), Patricia Medina e Natalie Wood. Filme agradável para quem quiser rir.

Cotação artistica: 2½ *Cotação comercial*: 3

★

O HOMEM DAS CALAMIDADES

(*Watch the Birdie — Metro*)

Red Skelton, embora se repetindo de filme para filme, terá, indiscutivelmente, seu lugar de destaque na categoria de um dos grandes cômicos do cinema. "O Homem das Calamidades" é um filme curto, e curto justamente porque foi bem aparado, deixando exatamente o essencial para que se compreenda a história e se dê boas gargalhadas. E', verdade que aqui e ali, há momentos monótonos e alguns chavões já bastante explorados; mas êstes são poucos, e o ritmo do filme é acelerado, rápido, entremeado de muito humor, ao estilo de Skelton. Boa cenarização e boa direção de Jack Donohue, resultando num filme inteligente e divertido, com o propósito de fazer rir. E o consegue muito bem.

Cotação artistica: 2½ *Cotação comercial*: 3

★

FABIOLA

(*Fabiola — Art Films*)

Alessandro Blaseti, um dos grandes diretores italianos ("Um Dia na Vida"), tronsforma-se aqui numa espécie de Cecil B. De Mille, apresentando uma obra monumental, em construção e movimentação de massas humanas, mas que resulta, devido à sua visível extensão, num espetáculo enfadonho, arrastado, com algumas cenas realmente apreciáveis, mas que não chegam a compensar o sacrifício do espectador. No elenco, Michel Simon, Henri Vidal, Michele Morgan e muitos outros artistas do cinema francês e italiano.

Cotação artistica: 2 *Cotação comercial*: 3

★

TRÁGICO DESTINO

(*Where Danger Lives — R.K.O.*)

Um drama policial, òtimamente fotografado por Nicholas Mussuraca, que é o que salva o filme da mediocridade, devido não só à pobreza do cenário como à débil direção de John Farrow. Contudo, a história daria margem para uma melhor adaptação e a própria direção poderia ter conseguido momentos de "suspense" como dar uma atmosfera mais densa ao filme. Tudo parece falso, convencional, inclusive a doença mental de Faith Domergue, cujo esfôrço só consegue mesmo mostrar que é mais ou menos uma cópia de Jane Russell — com menos busto. Robert Mitchum continua com o sono atrasado, mal conseguindo abrir os olhos. E, por cúmulo, no fim, sofre de uma paralisia parcial, quando deveria ser total. Enfim, ainda há quem goste...

Cotação artistica: 1 *Cotação comercial*: 2



e a Sra deve confiar na
ÁGUA INGLÊSA
GRANADO
o tônico das lactantes


Rádio

ARMANDO MIGUEIS

HUMOR LICENCIOSO

Fecharam-se as casas de tolerância.
Extinguiram-se as revistas licenciosas.
Acabaram-se os romances existencialistas em praça pública.

O rádio não tomou conhecimento dessas medidas acauteladoras dos bons costumes. Preferiu expandir-se nas piadas de duplo sentido, quando não se apresenta no realismo brutal de certos programas. A ação moralizadora das autoridades da delegacia de Costumes, pelo que temos ouvido nestas últimas semanas, não encontrou apoio entre os que se deliciam escrevendo pseudos programas humorísticos.

A Rádio Nacional, por absurdo que pareça, esmera-se em infringir os bons costumes, através de algumas das suas apresentações. Isto, apesar daquela portaria do Juiz de Menores e da repulsa que os radiouvintes conscienciosos vêm devotando aos maus programas. Aliás, o trabalho educativo de Genolino Amado vê-se prejudicado com alguns "broadcasts" que Vítor Costa deixa ir ao ar, tamanho o mau-gôsto de seus produtores.

E' necessário compreender que, nos dias presentes, o rádio não mais comporta êsse humor sujo que, com desusada freqüência, está sendo enxertado em determinados programas. Portanto, deve partir daqueles que se arvoram em mentores da radiofonia brasileira, o "basta" para essas calamidades. E' uma contribuição valiosa que prestarão ao delegado Zildo Jorge e à mocidade de nossos dias.

SEIS NOTAS PARA VOCÊ

Acabaram-se os romances proibidos nesta augusta sebastianópolis, tamanho o sentido da campanha empreendida pelo delegado de Costumes. Mas, o locutor Jaime Barbosa ignorava o fato, dadas suas preocupações com outros assuntos. Por isso, quando "amava" num dos apartamentos do edifício "Mula Manca", viu-se convidado a comparecer à delegacia especializada, a fim de explicar ao dr. Zildo Jorge o "por quê" de sua presença naquele paralelo perigoso... ★ O artista, via de regra, possui fãs de tôdas as categorias. Dora Lopes, por exemplo, no rol dos seus admiradores contava, sem o saber, com um refinado gatuno. Êste, apreciava mais a bôlsa da querida intérprete de nossos ritmos populares do que pròpriamente a voz. Daí, valer-se de ligeira distração da estrêla da PRE-8 para dar à vila de São Diogo com a carteira de Dora Lopes que, à essa altura, ficou "apitando"... ★A velha história do "renovar ou morrer" começou a ganhar sentido. Gente nova está surgindo no céu radiofônico, enriquecendo a equipe de valores que trabalha por um "broadcasting" melhor. Secundando a Mayrink Veiga no lançamento de cantores novos, a Tupi anuncia o "debut" de Dóris Monteiro, apontado como autêntica revelação. ★ Ronaldo Lupo conquistou, indiscutivelmente, os radiouvintes brasileiros. Suas "tournées" pelo interior e pelas grandes capitais do país são, em maioria, coroadas de ab-

(Cont. na pág. 30)



GERDAL RENNER DOS SANTOS desejava cantar ùnicamente.

CONFISSÃO

Gerdal Renner dos Santos, ora integrando o elenco de teatro-cego da Globo, estreou na "Hora do Guri", ali por volta de 1942. Deu para o negócio, razão de Olavo de Barros incluí-lo no cast da PRG-3. Mais tarde, após incursionar pelo cinema e participar dos espetáculos do Teatro-Infantil da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, Amaral Gurgel contratou-o para seu conjunto da PRE-3. Até hoje nosso focalizado ali se encontra, apesar de vantajosos contratos que lhe foram ofercidos por outras estações. Mas, Gerdal dos Santos não desejava ser radiator. Deixemo-lo contar a história:

— Com onze anos de idade comecei a freqüentar a Rádio Guanabara, para cantar no programa infantil dessa estação. Porém, jamais fôra escalado para o fazer. Aborreci-me profundamente com o desinterêsse da turma, acabando por desistir de ser cantor. Passei, então, a interessar-me pela arte de dizer. Foi quando me escalaram para representar o colégio em que estudava no programa "Hora do Guri", dirigido pela boa Tia Chiquinha. Aproveitei a oportunidade, fazendo um "test" no teatrinho dêsse "broadcast". Olavo de Barros aprovou meu trabalho, incluindo-me entre os valores do cast rádio-teatral da Tupi. Como conseqüência dêsse ato, recebi um contrato e, aos treze anos de idade, tornei-me exclusivo das "emissoras associadas". Dediquei-me, então, só ao rádio, onde estou até agora, graças à benevolência dos fãs e a boa-vontade de Amaral Gurgel.

Hoje, não mais faço papéis infantis. Estou com vinte e um anos. Daí interpretar tipos característicos. Espero continuar minha carreira no sem-fio, sem deixar de lado, é claro, o teatro, o cinema e a televisão.



Prof. MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA — música erudita para todos.

PRÊMIO LORENZO FERNANDEZ DE 1951

A professôra Magdala da Gama Oliveira, tal como nos anos anteriores, vem de instituir, através do programa «Artistas Novos do Brasil», o Prêmio Lorenzo Fernandez de 1951, o qual se destina a premiar um intérprete de música fina. As bases dêsse interessante concurso obedecem à seguinte regulamentação: «Estão convidados a concorrer ao «Prêmio Lorenzo Fernandez de 1951», cantores de ambos os sexos, sem limite de idade, diplomados ou não, pertencentes a escolas oficiais ou cursos particulares; O concurso será dividido em duas partes: a) — o candidato cantará, à escolha, uma peça do compositor Lorenzo Fernandez ou de qualquer autor nacional ou estrangeiro. Nesta prova, eliminatória, serão citados os nomes dos candidatos. O julgamento estará à cargo do soprano Edyr de Fabris. b) — Os candidatos aprovados na prova anterior deverão cantar uma peça de Lorenzo Fernandez, obrigatòriamente. Antes da irradiação desta prova, haverá um sorteio de números, por meio dos quais será feita a identificação posterior dos candidatos. A comissão julgadora, composta de três membros, fará o julgamento fora da estação, pela irradiação externa, concedendo a classificação em pontos, de 1 a 10. O candidato que obtiver maior número de pontos será proclamado vencedor, recebendo Cr$ 1.000,00. Haverá outro prêmio em dinheiro para o segundo colocado. Não serão aceitas inscrições de alunos dos membros da comissão julgadora. As inscrições ao «Prêmio Lorenzo Fernandez de 1951» estão abertas desde o dia 7 de maio corrente, nos escritórios da Rádio Globo, à Avenida Rio Branco nº 183, 3º andar, ou diretamente com a professôra Magdala da Gama Oliveira, a quem caberá a direção técnica do concurso. As inscrições ficarão encerradas, impreterìvelmente, no próximo dia 31 de maio. Os candidatos serão avisados das datas das provas com oito dias de antecedência. Tôdas as provas serão irradiadas pela Rádio Globo, através do programa «Artistas Novos do Brasil». A comissão julgadora das provas finais estará assim constituida: soprano Edyr de Fabris, maestro José Tôrre e professôra Matilde de Andrade Bailly».

DE QUINTA A QUARTA-FEIRAS

	TÍTULO — EMISSORA	DIAS — HORÁRIOS
NOVELAS	DESPENHADEIRO Rádio Nacional	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 13,05
	O ÚLTIMO RAIO DE SÓL Rádio Tamoio	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 20,30
	NAS GARRAS DA PERDIÇÃO Rádio Tupí	Têrças, quintas e sábados, às 20,30
	OS AMÔRES DE GEORGE SANDS Rádio Mayrink Veiga	Têrças, quintas e sábados, às 21,00
PROGRAMAS	BOITE CILION Rádio Tamoio	Tôdas as quintas-feiras, às 21,15
	D. PANCHO Y SUA CARA Emissôra Continental	Sextas-feiras, a partir das 21,00
	CLUBE DO TOCA DISCO Rádio Globo	Todos os sábados, depois das 22,30
	ARCA DE NOÉ Rádio Tupí	Aos domingos, a partir das 8,30
	CASA DE PENHORES Rádio Mayrink Veiga	Segundas-feiras, início às 21,00
	OBRIGADO, DOUTOR! Rádio Nacional	Tôdas as têrças-feiras, às 20,00
	ONDAS MUSICAIS Rádio Roquete Pinto	As quartas-feiras, a partir das 20,00



DORA LOPES
fan perigoso...



RONALDO LUPO
está fazendo a Bahia

FORA DAS ONDAS...

UMA OPINIÃO — José Nicolini, figura bastante conhecida no "broadcasting" paulista, tem opinião firmada a propósito da tevê. Para o conceituado radialista "o rádio está para a televisão assim como o cinema mudo para o cinema falado, quando êste surgiu. Teve-se, então, que completar a imagem com o som. E quem não o fês, desapareceu. Hoje, tem-se que completar o som à imagem. E quem não o fizer também desaparecerá."

UMA DEFESA — Mestre Roquete Pinto, quando inquerido a propósito de ataques feito ao rádio, defendeu-o afirmando: "Culpar-se todo o rádio porque existem maus programas, é o mesmo que se condenar a tipografia porque imprime um livro que é imoral. A mesma tipografia que imprime o livro indecente, imprime livro como a Divina Comédia de Dante."

UM CÔRO DESCONHECIDO — As emissoras, como qualquer outro estabelecimento comercial, não podem livrar-se dos funcionários distraídos. Daí, a freqüência de absurdos que ouvimos nos prefixos cariocas.

Não faz muito, pescamos esta significativa pérola, quando da transmissão de um programa em gravações, feito pela emissora da municipalidade. O locutor, de início, falou na apresentação de números interpretados pelo côro dos cossacos do Don. Fê-lo, porém, ligando o primeiro título de uma das músicas à palavra "don". Foi o bastante para que acontecesse o seguinte: o côro dos cossacos do Don passou a ser o côro dos cossacos de don Rezo. Dessa maneira, por simples distração do encarregado



FRANCISCO ALVES
canções patrióticas.

da apresentação dêsse musical, os rádiouvintes ficaram conhecendo um novo conjunto, quando, na realidade, o "rezo" era o título do primeiro número a ser irradiado.

Mas, como êsses rapazes se consideram gênios, o melhor é deixá-los à sôlta...

ÊLES COMEÇARAM CANTANDO... — Sebastião Bernardes de Souza Prata, êsse pretinho que, artisticamente, atende por Grande Othelo, revelou-se aos primeiros instantes de sua meninice. Na prosaica pracinha de São Pedro de Uberabinha, quando os "brotos" começavam a exibir suas "toilettes" domingueiras, nosso herói rachava os "grogomilos", interpretando números de sucesso naquela época. Não menor sucesso êle provocava, tal a maneira com que se apresentava àquele "grande público". Aqui vamos relembrar algumas estrofes de sua melodia preferida:

"Tarde, morre o dia tristemente
um véu de sombra cai
do céu à terra lentamente...

Também o nosso Francisco Alves, quando as coroas viviam por cima da carne sêca, revelou-se um exímio cantor de canções patrióticas. Não se apresentou, porém, em praças, nem jardins. Preferiu cantar num palco. Dêsse modo, numa revista de Eduardo Faria e Manoel White, o "rei da voz" deliciou a platéia com

"Nosso Brasil
E' tão grande
E' tão lindo
Que parece que sorrindo..."

DISCOS

de FRANKIE



Com o microfone na mão, vemos Ray Anthony, o mais novo e famoso chefe de orquestra do momento, atualmente em Hollywood. Ao seu lado, destacada figura da Capitol, para onde Ray está fazendo algumas gravações.

Billy Eckstine.

My Foolish Heart (Fox — Cotação: 4

Sitting by The Window (Fox) — Cotação: 5

★ Êsse «colored» admirável, que está desbancando fàcilmente os cartazes da Broadway, vem dando novo colorido a velhas canções populares norte-americanos, com sua voz suave, agradável, própria para boites ou para serem ouvidas à meia luz — de preferência com uma dama. «My Foolish Heart», a bela composição de Young-Washington, toma, sem dúvida, nova entonação na voz quente de Eckstine. Na outra face, acompanhado do harmonioso conjunto vocal The Quartones, Billy nos dá outra demonstração da maleabilidade de sua voz. Ambos os lados têm acompanhamento da orquestra melódica de Russ Case. Vale a pena.

SKITCH HENDERSON

Jealous (Fox) — Cotação: 4

Two Cigarettes in the dark (Fox) — Cotação: 5

★ Shike Henderson é novo pianista que dominará o mercado em muito pouco tempo. Oono de um estilo leve e agradável, possui, além de um ritmo seguro, uma agilidade espantosa, dominando o instrumento. Skitch consegue tirar de seu piano, um som agradabilíssimo, num estilo semelhante ao de Carmen Cavalaro. Semelhante, mas não igual, porque Skitch Henderson consegue deixar em nossos ouvidos a marca de sua personalidade. Bom acompanhamento de ritmo. Um disco completo, que tanto serve para se ouvir como para dançar.

N O T A S

★ A R.C.A. regravou o clássico «Côro dos Ferreiros», pela saudosa orquestra de Glenn Miller. ★ Peter Kreuder interpretou a seu modo os boleros «Final» e «Frio en El Alma». Dois sucessos. ★ «C'est si bon», na voz de Ivon Cury, gravado pela Continental, está obtendo muito êxito. ★ E' grande a procura pelo disco «Mesmo Assim», do filme «Três Palavrinhas». Justamente porque o sêlo da Colúmbia traz o nome de Paul Weston. ★ Um disco completo da Capitol: «The Song is You», de um lado e «Tentation», de outro. Pianista: Budy Cole.

NOVIDADES (maio)

★ Porque — Naquele Tempo (Dick Farney) ★ Vôo de Besouro — Ary no Choro (Ary Ferreira) ★ Na Baixa do Sapateiro — Misturado (Osquestra Copacabana) ★ Afinal — Felicidade (Heleninha Costa) ★ Penaut Vendor — Mona Lisa (Budy Cole) ★ The Third Man Theme Song — Steel Guitar rag (Alvino Rey) ★ Guitar Mambo — Harlem Mambo (Dave Barbour) ★ Les Feuilles Mortes — La Vi en Rose (Paul Weston) ★ Jam-Bo — Orange Colored Ski (Stan Kenton), com Nat King Cole e seu trio) ★ I'll Se You Again — Shadow Waltz (Frank De Vol e sua orquestra).

JOHN DEREK

(Cont. da pág. 15)

maior desembaraço, sendo imediatamente aprovado pelo próprio Bogart e pelo diretor Lord. Por onde se vê que embora os filhos devam obediência aos pais, algumas vêzes isso não dá certo. Pois que os pais de Derek não queriam nem siquer ouvir o rapaz falar em ser ator de cinema.

John Derek foi estudante de desenho e pintura. No fim de alguns anos de estudo chegou à conclusão de que a arte só tinha a ganhar com a sua ausência. Abandonou os pincéis e alistou-se no Exército Norte-Americano, sendo designado para o corpo de paraquedistas, no qual fêz quase tôda a campanha do Pacífico. O fim da guerra foi encontrá-lo nas Filipinas e mais tarde prestou serviços no Japão, com as tropas de ocupação.

John Derek é um grande atleta e pratica com entusiasmo o box e o judo. Gosta de passear a cavalo e é ardoroso fã de futebol. Seus livros prediletos são os de aventuras e o seu autor favorito é Alexandre Dumas.

Casou-se, há dois anos, com a estrelinha Patti Behrs. Está sob longo contrato com a Columbia Pictures, para a qual acaba de estrelar o romântico e movimentado tecnicolor «O Cavaleiro de Sherwood», filme que relata as aventuras do filho de Robin Hood, papel interpretado pelo futuroso John Derek.

SEIS NOTAS PARA...

(Cont. da pg. 28)

soluto êxito. Neste momento, o conhecido cançonetista patrício leva a efeito uma temporada nas emissoras baianas, após rápida excursão pelo Espírito Santo. ★ A Rádio Clube do Brasil passou a novas mãos, depois, de regular período de estagnação. Como conseqüência desse ato, observa-se grande alvorôço entre os que ali empregam suas atividades. Assegura-se que radicais modificações serão feitas, inclusive na parte redacional. ★ Zezé Fonseca não terá seu campo de atividade limitado aos espetáculos de teatro-cego. A inteligente radiatriz vai participar, também, de movimentado programa de auditório, o qual receberá seu nome.

ANTOLOGIA DOS...

(Cont. da pág. 24)

contra o pequeno, econômicamente. Mas **sente-se feliz por saber que**, cedo ou tarde, històricamente, cientificamente, de modo pacífico ou violento, as coisas mudarão.

Tem **alergia** a multidões, a ajuntamentos, a ambientes fechados.

Lugares que gostaria de conhecer: New York, Paris, Moscou, Xangai, San Francisco, o Egito (região das pirâmides), a África do Norte, a Itália, Europa Central, Ásia Menor:

Está preparando dois livros de cinema: um estudo sôbre os filmes de **gangsters** e uma História do Filme Musical Norte-Americano».

E' chefe de Publicidade da Art Films S.A.

Gosta de pastilhas de hortelã pimenta, pipócas e drops.

E' contra a bomba-atômica.

ANTOLOGIA: CONTRADIÇÕES DO CINEMA IANQUE

«De modo geral as contradições do cinema norte-americano são as contradições do cinema nos países capitalistas, contradições de ordem ética, estética e sociológica. Sofre a arte cinematográfica, mais do que qualquer outra, influências morais e ideológicas dos regimes politico-sociais dominantes e a própria concepção formal da Sétima Arte é modificada, adaptada, reformada de acôrdo com as leis do desenvolvimento científico, com a marcha da História. Aliás, as influências são recíprocas porque o cinema não se limita a receber contribuições mas atua também sôbre o meio ambiente onde é projetado, pouco a pouco uniformizando homens, universalizando costumes, unificándo comunidades.

Unir, esta a missão inconsciente do cinema, arte total, arte universal igual a tantas ou mais do que outra qualquer. E o Cinema cumpre o seu destino, vai uniformizando, veículo ativo do intercâmbio entre povos, nações, raças, continentes, invento maravilhoso, dinâmico, poderoso instrumento de múltiplos aspectos, sistema de propaganda, brinquedo mecânico, organização industrial comércio, técnica, divertimento, sobretudo ARTE! A reciprocidade é inevitável: o Cinema transforma a Sociedade e a Sociedade transforma o Cinema.

Quem melhor do que o Cinema reflete os estados d'alma, os dramas da carne e do espírito, a cultura do homem do século XX? E com muito mais propriedade do que por exemplo, o Teatro, a Dança, a Arquitetura ou a Pintura pois de tudo isto é síntese absoluta! A Arte é o espêlho da Sociedade. Por isso é que, em um mundo desagregado, que caminha para o fim certo e inevitável, o Cinema é, por sua vez, moralmente um vácuo, um painel irregular de intranqüila narrativa... Isso, se admitirmos a Arte obedecendo a postulados morais...

O determinismo geográfico é uma mentira Outra leviandade; a consideração da arte como produto individual. Principalmente no caso do cinema, arte coletiva por excelência. Porém uma coisa é negar a pseudo-ciência da geografia determinista e o preconceito burguês da arte individual, e outra é a admissão de um fato histórico incontestável: a de que foi nos Estados Unidos da América, nos trabalhos do falecido David Wark Griffith que teve origem a montagem cinematográfica, isto é, a estrutura específica dos filmes, a construção consciente das obras cinematográficas, a própria pedra angular da Sétima Arte».

(«Contradições do Cinema Ianque», I, em «Panfleto», primeira semana de novembro de 1948).

A "LUSO FILMS" apresenta
O MAIS PORTUGUÊS DE TODOS OS FILMES! ¡¡¡
FADOS! CANÇÕES TÍPICAS!
FADO
HISTÓRIA DUMA CANTADEIRA
Amalia RODRIGUES
VIRGILIO TEIXEIRA
VASCO SANTANA • ANTONIO SILVA
Breve
PRESIDENTE FONE 42-7126
SÃO JOSÉ FONE 42-0592
COLISEU FONE 29-8755
MEIER FONE 29-1

CABELOS BRANCOS só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA, quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS

Melodias para você

SÃO PAULO

Samba de Haroldo Barbosa e Garôto. — Gravação de Jorge Goulart

I

Olho do planalto
Sinto um sobressalto
Que maravilha — Terra bonita
Ouço de longe o rumor de um Titã
A seiva forte na terra palpita.
São Paulo — São Paulo
Nas legendas douradas do país
A glória é a sua história
Bandeirante de nobre perfil
São Paulo és todo Brasil
Pacaembu — Ouro e café
Teu coração é a Praça da Sé.

II

São Paulo
Minha voz oficial
Canta o teu madrigal
Simples voz que te diz
És imortal
Ouro e Café — Tanto algodão
Praça da Sé é o teu coração.

★

TUDO ISTO É FADO

Fado de Anibal Nazareth — Fernando de Carvalho. — Gravação de Olivinha Carvalho

Perguntaste-me outro dia
Se eu sabia o que era o fado
Eu disse que não sabia
Tu ficaste admirado
Sem saber o que dizia
Eu menti naquela hora
Disse-te que não sabia
Mas vou te dizer agora.

Refrain

Almas vencidas
Noites perdidas
Som liras bizarras
Na mouraria
Canta a rufia
Choram guitarras
Amor, ciúme
Cinzas e lume
Dor e pecado
Tudo isto existe
Tudo isto é triste
Tudo isto é fado.

★

ESTRELLITA

Canción de Manuel Ponce

Estrellita del lejano cielo
que miras mi dolor,
que sabes mi sufrir,
baja y dime
si me quiere un pouco,
porque ya no puedo
sin tu amor vivir.
Tú eres oh, estrella!
mi faro de amor:
tú sabes que pronto
voy a morir.
Baja y dime
si me quiere un pouco,
porque yo no puedo
sin su amor vivir.

★

PALHAÇO

Samba-Canção de Oswaldo Martins, Nelson e Washington. — Gravação de Dalva de Oliveira

Sei
Que é doloroso um palhaço
Se
Afastar do palco por alguém.
Volta!
Que a platéia te reclama
Sei que choras
Palhaço!
Pela mulher que não te ama.

Enxugue as faces
E me dê um abraço
Não te esqueças que és um palhaço
Faça a platéia gargalhar
Um palhaço não deve
Chorar!...

★

CHEGANDO MAIS

Baião de Luiz Bandeira e Távora. — Gravação dos "Anjos do Inferno"

I

Onti eu fui pra uma festa
Na casa do Zé Tomaz
Di moça só tinha duas
Pra mais de trinta rapaz
Na festa só tinha hôme
Inda tava chegando mais,
Chegando mais, chegando mais
Chegando mais, ô, chegando mais.

II

A coisa daí pro diante
Piorô de mais a mais
Chegô mais de vinte véia
Além das que vinha atrás
Ó xente cum tanta véia
Inda tava chegando mais,
Chegando mais, chegando mais,
Chegando mais, ô, chegando mais.

Poco mais da meia-noite
O pifão tava demais
Os bêbo fazia coisa
Que hôme decente não faz
Além dos bêbo que tinha
Inda tava chegando mais,
Chegando mais, chegando mais,
Chegando mais, ô, chegando mais.

A PEDIDOS

PARA VIGO ME VOY

Rumba de Lecuona. — Gravação de Gregorio Barrios

I

Vamos a la conga ay Diós
vamos que ya suena el bongó
las maracas suenan ya
y lá repica el timbal
mi negra vamos detrás
Ay que ya la conga no vuelve mas.

II

Para Vigo me voy
mi negra dime adiós
anda bongonsero toca ya
que estoy médio loco por bailar
Para Vigo me voy
mi negra dime adiós
que la conga ya se vá
para nunca mais volver a sonar
Para Vigo me voy.

O CARTAZ DO MOMENTO



GILBERTO MILFONT

ADEUS

Samba de Ary Monteiro e Peterpan. — Gravação de Gilberto Milfont

Adeus, adeus vou me embora
Chegou, enfim, esta hora
Em que não posso deixar
De partir
Adeus, minh'alma já chora
Cantei alegre e agora
Não posso, alegre cantar... nem [sorrir.

Não há quem diga sem chorar
Um adeus
Não há quem diga sem sofrer
Um adeus
Levo comigo a saudade
Dos beijos, abraços e carinhos teus
Adeus!...
Adeus!...

LUZ DOS MEUS OLHOS

Valsa de José Carlos Burle. — Gravação de Jorge Goulart

Como em jardim sem flor, abandonado
Um velho casarão colonial
que desabitado e triste
Se desmoronou
Na dor de uma saudade
De um tempo que já passou.
Assim vivo eu tão só
Sem ver ninguém, ninguém
Ruína de um amor
que para sempre
Há de existir
A iluminar meu sonho
Há de existir a iluminar o meu caminho
Porque o meu primeiro amor
Era também o derradeiro.

Talvez seja ilusão
Mas sinto que hei de amar eternamente
E sei que o céu estrêlas tem
Que importa a mim não vê-las
Se assim eu vivo tão feliz...
Sem ver a luz do sol, a lua, o céu
O azul do mar
Porque sei
Que serás
Para sempre a luz dos olhos meus
Mas só meus.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



RICHARD BASEHART

UM dos atores jovens mais promissores da geração norte-americana atual. Apareceu em «O Demônio da Noite» e «Um grito de liberdade» com grande sucesso. Em seguida figurou em «Roseanna» e vem aí em «Fourteen Hours» um super-espetáculo da Fox. Richard Basehart sabe viver com muita expressividade os papéis mais difíceis. Merece o nosso respeito, a nossa admiração fervorosa, e mais isso e mais aquilo. Nada sabemos a respeito da carreira anterior ao cinema de Basehart: possivelmente atuou no palco: demonstra certos cacoêtes muito proveitosos. E' novo, também. Tem pinta de ianque ou canadense. Certamente o seu destino já está traçado na Meca do Cinema: se não fôr estandardizado, será, num futuro muito próximo um novo James Cagney, ou um novo Humphrey Bogart. Richard Basehart vai de vento em pôpa, né?

AVA GARDNER

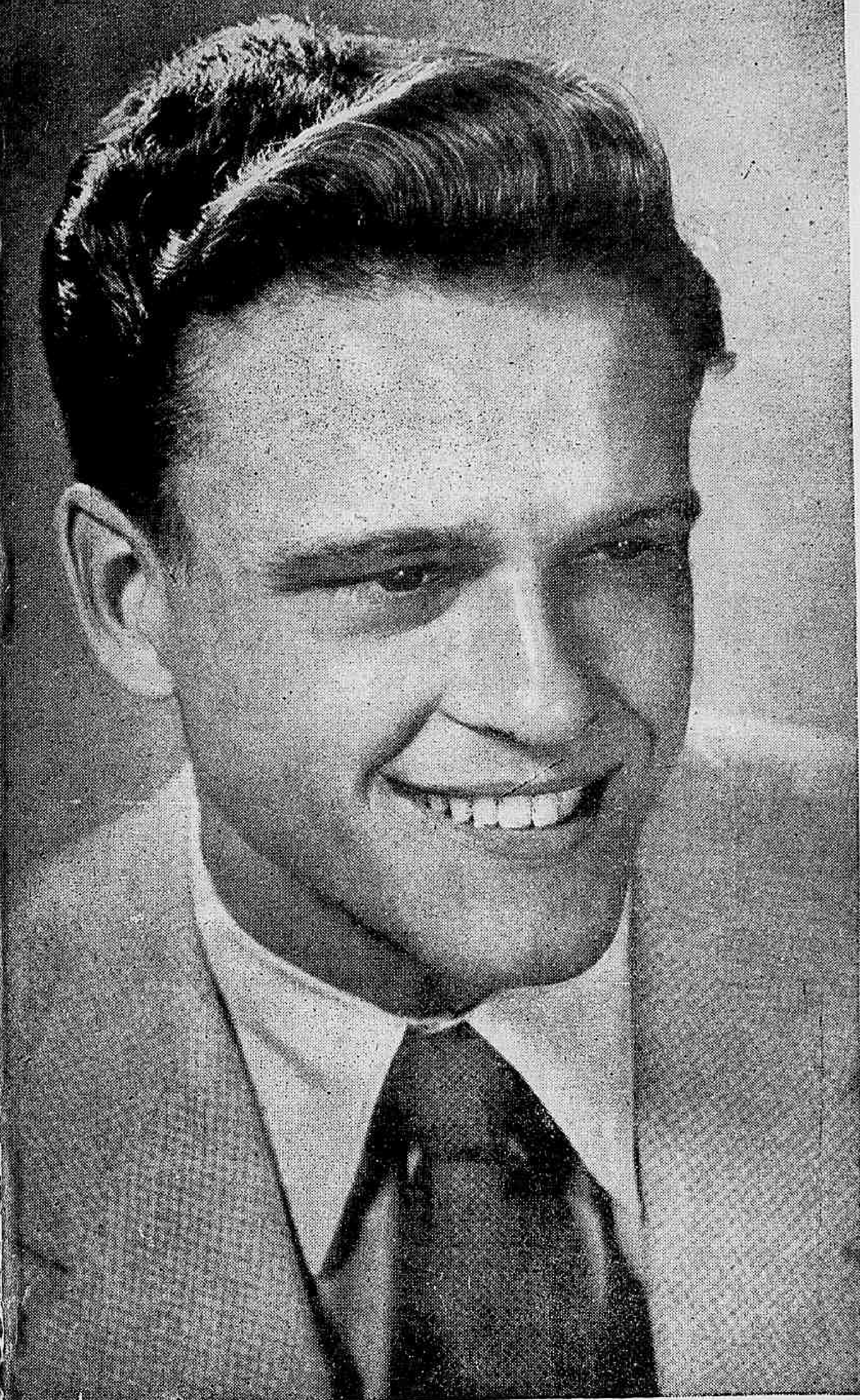
AVA GARDNER também é um primor. Não vou dizer aqui onde nasceu, porque não interessa nada. Interessa é que Avinha é uma eva e tanto. Ou não é? Bonita eu não acho que seja, exatamente. E' mais uma dona muito tentadora, uma zinha coberta de glamour, de it, de sex-appeal, de charme, de yum-yum, zoom-zoom-zoom-zoom... Deixa os homens assim meio zaranzas, não deixa? E daí? Significará isso ser uma atriz apreciável? Sem dúvida que não! Mas não é das peiores, tampouco. Não vive os papéis, interpreta-os razoàvelmente... Sabe deixar-se beijar, o que é uma vantagem para o pessoal de Hollywood. Já fêz muitos filmes mas os mais lembrados são «Assassinos», de Siodmak, «O Grande Pecador», também de Siodmak, e outros filmezinhos da Metro, onde está agora, por contrato permanente. Fêz também uma «droga» chamada «One touch of Vênus» cujo título em português não nos recordamos, agora, ao certo, parece que era alguma coisa como «Vênus, deusa do amor» ou um tróço semelhante. Ava na vida real já foi espôsa de Mickey Rooney (pobre Mickey!...) e namorada (namorada é um termo bem delicado, né?) de Mário Cabre, Frank Sinatra... E daí? Que temos nós com o peixe?





ODETTE JOYENX

DEPOIS de seguir um curso de dansa na Ópera, Odettinha debutou (estreou, principiou, começou, etc.) na Comédia Francesa, sob a direção de Jouvet. Tinha quinze anos, brotíssimo era, pois e bonitinha, também, e mais isso, e mais aquilo... Em 1938 o cinema namorou-a. Ela rodou «Entrée des Artistes», depois foi aluna de Claude Autant-Lara em «O casamento de Chiffon». Aí pegou cartaz, um e todos sabem, e danou-se a fazer fita: «Lettres d'Amour», «Le lit à Colonnes», «Dulce», «La Baron Fantôme», «Les petites du quais aux fleurs», «Sylvie et le fantôme», «Messieurx Ludovic», «Leçon de conduit». Ganhou mais cartaz quando fez a sensual intérprete de «Por uma noite de amor», de Zola. Depois apareceu em «Scandale», «Orage d'eté», «Dernieúre Heure», «Edition Spéciale» e finalmente «Conflitos de Amor». E' no momento uma das ingênuas mais simpáticas do cinema francês, né, coração, heim, dôce de côco, heim bonequinha, né? Nasceu em Paris, gosta de literatura e de amor.



JOHN ERICSON

UM novo ator, bem simpático, bem «bonitão», o tipo do rapaz que as meninas gostam. John Ericson faz sua primeira aparição em «Teresa», filme da Metro feito na Itália e muito esperado porque, dizem, é uma boa demonstração de cinema néo-realista. O diretor, como sabem, é o grande Fred Zinnemann de «Ato de Violência». Mas, voltando a John Ericson: não é o tipo do sujeito que promete? Não é o tipo do broto másculo? Consta que com o seu trabalho de estreante John Ericson abiscoitou logo um valioso contrato com um produtor independente. Parabens, John Ericson: você deve valer, de fato, uns arames. Esperamos que a Metro resolva lançar logo, logo, logo, no Rio o fabuloso «Teresa». Corresponderá o filme? Corresponderá John Ericson? Só o tempo o dirá.

MUSICA

OSWALDO DA CUNHA

BACKHAUS

APÓS uma prolongada ausência de quatro anos, voltou a apresentar-se entre nós, na noite de 10 do corrente, o grande intérprete de Beethoven. Artista consumado, não nos parece necessária uma crítica mais detalhada sôbre tão brilhante atuação. Desejamos apenas registrar aqui a forma irrepreensivel com que se apresentou êste legitimo representante atual, da genuina escola pianistica alemã. Dono de técnica absoluta, Backhaus é, sem dúvida, um dos artistas que mais fiel se conserva ao instrumento, o que, aliás, constitui uma das principais caracteristicas da citada escola. Conduzindo sempre com clareza suas execuções, Backhaus coloca sua brilhante técnica rigorosamente a serviço de uma perfeita interpretação musical. O programa apresentado, todo êle dedicado a Beethoven, compôs-se de várias das maravilhosas sonatas dêste grande mestre e foi conduzido pelo eximio concertista num plano de absoluta perfeição, recebendo da numerosa platéia os mais entusiasmados aplausos.

NOTICIARIO

★ PRÊMIO MIECIO HORSZOWSK — A Academia Brasileira de Música, no cumprimento do seu programa de estímulo aos compositores brasileiros, aceitou, com justificado desvanecimento, a generosa oferta feita pelo emérito mestre por ocasião de sua última visita ao Brasil, de um prêmio destinado a um concurso para uma sonatina de piano, a ser regulado pela instituição presentemente secretariada pelo musicólogo Andrade Muricy. As condições são as seguintes: a) Composição de uma sonatina, sem especificação de tendência estética, número de movimentos, nem de dimensões. b) os originais deverão ser claramente legíveis, assinados com pseudônimo e acompanhados de envelopes fechados, contendo o nome real e a residência do concorrente; c) os originais deverão ser enviados, sob registro postal e até 30 de novembro do corrente ano, à Secretaria daquela instituição, e dirigidos ao presidente da A.B.M. ou ali entregues contra recibo dêste ou da secretaria; d) o original premiado, ressalvados os direitos autorais, passará a ser propriedade da instituição; e) o julgamento será feito por acadêmicos-compositores, designados pelo presidente; f) excluidos os membros da instituição, poderão concorrer compositores nacionais e estrangeiros, êstes com residência fixa no Brasil; g) o prêmio é de quatro mil cruzeiros, entregue em sessão pública, e será indivisível, podendo deixar de ser concedido no caso de nenhum dos originais receber a justa aprovação; h) será parte integrante dessa laurea a edição da obra premiada, a ser efetuada pela Ricordi Brasileira, conforme oferta da conhecida editôra, bem como a primeira execução pública da mesma obra pelo ilustre doador do prêmio, em oportunidade e local que serão oportunamente divulgados pelo eminente intérprete das mais célebres obras-primas do classicismo musical. ★ EDMUNDO KURTZ e ELEAZAR DE CARVALHO NO QUARTO CONCÊRTO DO QUADRO SOCIAL DA O.S.B. — No próximo concêrto social da Orquestra Sinfônica Brasileira, no Teatro Municipal que terá como regente Eleazar de Carvalho, tendo como solista o violoncelista Edmund Kurtz, executará o «Concêrto para violoncelo» de Dvorak. Completam o programa a «Sinfonia nº 2» de Sibelius e «Canto de Amor e Paz» de Claudio Santoro.



ARTHUR RUBINSTEIN, o notável pianista, de fama internacional que em junho estará no Rio, para apresentar-se sob os auspícios da Associação Brasileira de Concertos.

A TEMPORADA DO «BALLET THEATRE» — Todos os artistas do «ballet» «Theatre de Nova York», viajarão de avião de Nova York para o Rio de Janeiro, a 18 de maio, a bordo de um «clipper» especial da Pan-American. O grupo de 50 bailarinas, encabeçadas pela mafosa Lúcia Chase, apresentar-se-á a 21 de maio no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Teatro Nacional do Brasil. Estima-se que a companhia apresentar-se-á também em Montevidéu e em Buenos Aires, antes de regressar a Nova Yok, por via aérea, em junho próximo. ★ O repertório do «Ballet Theatre» — o grande conjunto americano que a 21 do corrente estreará no Teatro Municipal — reúne bailados de numerosos autores, representantes das mais diferentes escolas artísticas. Jerome Robbins, que aí figura com obras como «Fancy Free», «Interplay», «Facsimile», etc., distingue-se sobretudo pela originalidade e pelo espírito americano de suas criações. Com a idade de 16 anos, Robbins abandonou seus estudos na Universidade de Nova York para dedicar-se à dança. Trabalhou com Fokine, Antony Tudor e, durante muito tempo, participou de numerosas comédias musicais, na Broadway. Em abril de 1944, após a representação de seu bailado «Fancy Free», conheceu subitamente os favores da glória. O «ballet» obtivera um êxito impressionante, o que mais estimulou o jovem coreógrafo a continuar o caminho que escolhera. Jerome Robbins tem trabalhado principalmente para o «Ballet Theatre», não sòmente na qualidade de coreógrafo mas, também, como dançarino. Aliás, nesse setor êle tem alcançado sucesso não menos brilhante, distinguindo-se, sobretudo como comediante. As assinaturas para a temporada do «Ballet Theatre» continuam abertas, na bilheteria do Teatro Municipal.

Pausa para meditação



GLYMS JOHNS — (Columbia)

A OPINIÃO ALHEIA

NOVES FORA...

«E talvez outras produtoras venham a surgir na terra bandeirante, colocando-se o Rio em plano inferior. Parece que lá os capitalistas estão enxergando no emprêgo de dinheiro nessa indústria, ótima fonte de renda e segurança de bons juros, enquanto aqui no Rio, continua a imperar a intriga, o fuxiquinho, a perseguição do triste exibidor, dentro das vacilações dos que têm dinheiro. Até os nossos maiores artistas estão sendo levados para São Paulo. Mas ficamos com as glórias do futebol...»

Renato de Alencar («O Momento)

SER OU NÃO SER

«Antes de tudo, porém, urge a definição do que é um filme nacional. Suponho que é aquêle produzido em estúdios brasileiros, falado em português, no qual estejam invertidos 60%, no mínimo, de capital nacional, e com equipes artística e técnica composta de dois terços, pelo menos, de elementos brasileiros».

Ortiz Monteiro («O Tempo»)

O SEU DIA CHEGARA

«Já é tempo de acontecer alguma coisa de sério no cinema brasileiro. Passemos uma esponja sôbre o indecoroso passado e comecemos de novo, vida nova! O tempo urge. E o momento é oportuno. Ou o Brasil se projeta, agora, no terreno das artes, da indústria, enfim, da cultura ou então o caso é perdido».

Lima Barreto, em entrevista concedida a Danilo Ramirez («Tribuna da Imprensa»).

O FRUTO PROIBIDO

«Entre nós, infelizmente, a desatenção às advertências de impropriedade, para menores, de certos filmes e espetáculos, parece mais lhe provocar o desejo, não contido, às vêzes, pelos próprios pais, de perverterem ou se envergonharem ante a licenciosidade perigosa e não raro devassa, de projeções cinematográficas ou de peças exibidas» O que seria necessário, se houvesse quem se dispuzesse a cooperar, real e eficàzmente, na benemerência da saneadora cruzada pela decência, que, até agora, nenhuma colaboração ainda logrou dos poderes públicos, é que espetáculos tais, ainda mesmo quando facilitados pela nossa tão indiferente e supostamente moralizadora censura policial, fossem, pelo menos, rigorosamente vedados àqueles cujos sentimentos de candura e de pureza merecem ser defendidos por quem quer que seja capaz de compreender as responsabilidades da função policial de prevenir as funestas conseqüências da difusão, que vem sendo inexplicàvelmente tolerada, dessa tendência criminosa de abastardamente da moral».

(«Jornal do Brasil»)

PATRIOTISMO?

«Coisas nossas. Infelizmente nossas. A eterna mania de arrasar qualquer produção desde que seja de brasileiro, fechando os olhos a tôda espécie de podridão vinda do exterior.»

Adolfo Cruz («A Notícia»)

A MAIOR EQUIPE

DE CRONISTAS, TÉCNICOS E DIRIGENTES
JÁ REUNIDA NA IMPRENSA ESPORTIVA

PRODUZIU

O ANUÁRIO DO ESPORTE Ilustrado

de 1951

TUDO SÔBRE FUTEBOL

E TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS

80 PÁGINAS
FARTAMENTE ILUSTRADAS!

CR$ 10,00 em todo o Brasil

Pedidos, mediante vale do Correio ou reembôlso postal, à
CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Maranguape, 15 — Rio.

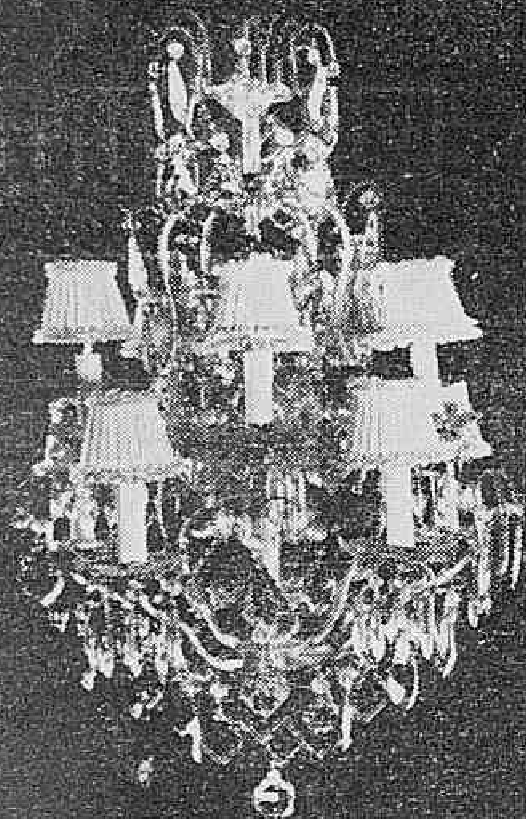
O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

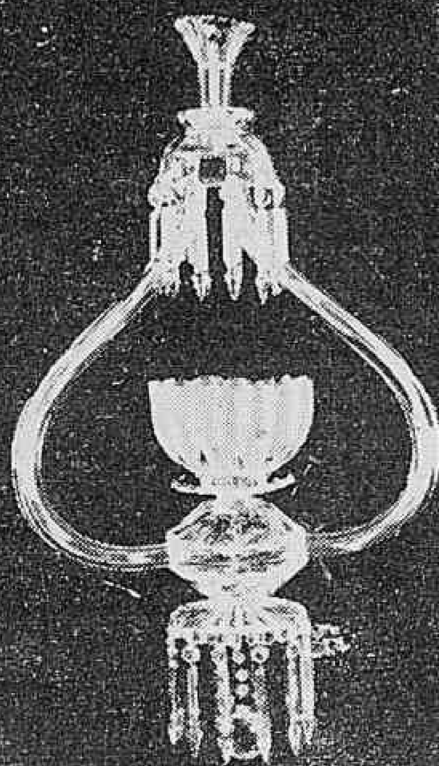
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européjas.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

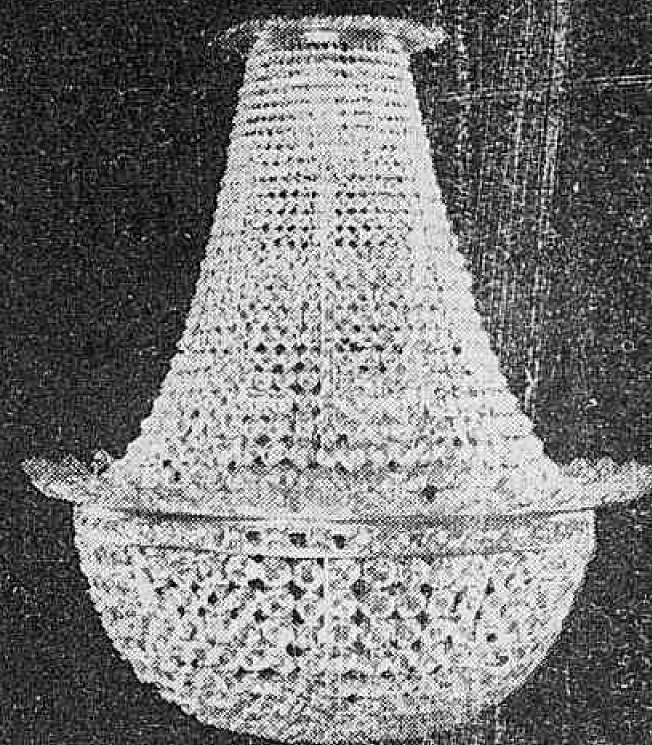
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126º (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



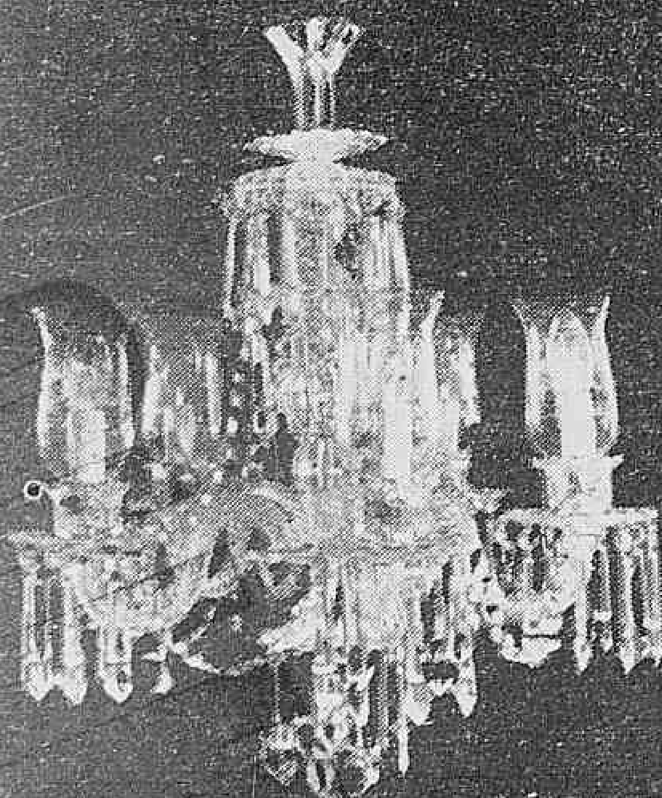
1



2



3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.